

“E eu me levanto”

*experiências de mulheres
negras na pós-graduação*

Rosângela Pereira dos Santos
Débora Cristina de Araujo

encontrografia

“E eu me levanto”

*experiências de mulheres
negras na pós-graduação*

Rosângela Pereira dos Santos
Débora Cristina de Araujo

encontrografia



Copyright © 2024 Encontrografia Editora.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a expressa autorização da editora.

EDITOR CIENTÍFICO

Décio Nascimento Guimarães

EDITORA ADJUNTA

Carolina Gonçalves Caldas

COORDENADORIA TÉCNICA

Gisele Pessin

Fernanda Luísa de Miranda Cardoso

DESIGN

Diagramação: Nadini Mádhava

Design de capa: Nadini Mádhava

Foto de Capa: Max4e - Freepik.com

REVISÃO

Leticia Barreto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, Rosângela Pereira dos
"E eu me levanto" : experiências de mulheres
negras na pós-graduação / Rosângela Pereira dos
Santos, Débora Cristina de Araujo. -- Campos dos
Goytacazes, RJ : Encontrografia Editora, 2024.

Bibliografia.
ISBN 978-65-5456-074-0

1. Educação 2. Ensino superior (Pós-graduação)
3. Mulheres negras 4. Relações étnico-raciais
5. Relatos de experiências I. Araujo, Débora Cristina
de. II. Título.

24-218940

CDD-306.4309

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres negras : Relações étnico-raciais :
Sociologia educacional 306.4309

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

DOI: 10.52695/978-65-5456-074-0

encontrografia

ENCONTROGRAFIA EDITORA COMUNICAÇÃO E ACESSIBILIDADE LTDA

Av. Alberto Torres, 371 - Sala 1101, Centro

Campos dos Goytacazes, RJ, 28035-581 | Tel: (22) 2030-7746

www.encontrografia.com | editora@encontrografia.com

Comitê científico/editorial

Prof. Dr. Antonio Hernández Fernández – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)

Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Casimiro M. Marques Balsa – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (PORTUGAL)

Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai – MPMA (BRASIL)

Prof. Dr. Daniel González – UNIVERSIDAD DE GRANADA (ESPANHA)

Prof. Dr. Douglas Christian Ferrari de Melo – UFES (BRASIL)

Prof. Dr. Eduardo Shimoda – UCAM (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Emilene Coco dos Santos – IFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Fabiana Alvarenga Rangel – UFES (BRASIL)

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – UNIR (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Fernanda Luísa de Miranda Cardoso – UFF (BRASIL)

Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho – UFSC (BRASIL)

Prof. Dr. Francisco Elias Simão Merçon – FAFIA (BRASIL)

Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes – UFRPE (BRASIL)

Prof. Dr. Javier Vergara Núñez – UNIVERSIDAD DE PLAYA ANCHA (CHILE)

Prof. Dr. José Antonio Torres González – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)

Prof. Dr. José Pereira da Silva – UERJ (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Magda Bahia Schlee – UERJ (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Margareth Vetis Zaganelli – UFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Martha Vergara Fregoso – UNIVERSIDAD DE GUADALAJARA (MÉXICO)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Teles Alvaro – IFRJ (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães – UFRN (BRASIL)

Prof. Dr. Rogério Drago – UFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Shirlena Campos de Souza Amaral – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Wilson Madeira Filho – UFF (BRASIL)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Sumário

Agradecimentos	10
Prefácio: “Você queria nos ver quebradas?”	13
Apresentação	21
1. “Eu não sou discriminada porque eu sou diferente; eu me torno diferente através da discriminação”	24
2. ““Eu nem sabia que era negra até te conhecer”: literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira para crianças pequenas da Educação Infantil”: um convite à leitura	32
3. “Você conhece alguém lá dentro?” Quando a síndrome da impostora vem de fora	39
4. A primeira página a ser preenchida: como fui apresentada ao Mestrado Profissional	45
A proposta de pesquisa	48
5. A universidade assusta a mulher negra? Como sobreviver às aulas e trabalhos acadêmicos?	54
2022: O ano da qualificação.....	59
O Comitê de Ética.....	61
Os passos seguintes	64

6. A produção dos dados e finalização da dissertação.....	68
7. Colocando a roda para girar: contribuições das/dos que vieram antes de nós para as/os que virão depois.....	78
Referências.....	83

Às mulheres negras que ousaram desalinhar caminhos que nos guiavam por histórias únicas e erradas sobre quem somos e seremos.

Àquelas que se insurgiram pegando em armas, sejam elas uma singela caneta ou um lápis, e produziram revoluções internas e externas.

A toda pessoa negra que soube olhar nos olhos de uma irmã ou irmão e dizer: “Eu acredito em você! Vamos de mãos dadas, pois assim somos mais fortes!”.

Agradecimentos

Agradecemos ao grupo LitERÊtura, pois sem essa força coletiva não teria sido possível a produção deste livro, já que o primeiro desejo de o escrever partiu das trocas que realizamos nos encontros.

Agradecemos ao Davi Barbosa, à Letícia da Silva Neves Barreto, à Maria Inês Dias Freitas e ao Felipe Martins Lopes, pessoas que, com a leitura crítica e atenta que fizeram desta obra, ofereceram importantes contribuições que enriqueceram nossas palavras.

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação pelo financiamento desta obra, bem como ao corpo docente e discente do Programa e ao coordenador, prof. Dr. Alex Braga Vieira.

Agradecemos à profa. Dra. Lucimar Rosa Dias, por prefaciara esta obra, compartilhando também suas próprias experiências.

Individualmente, cada uma de nós também agradece:

Rosângela: Agradeço à minha eterna orientadora, Débora Cristina de Araujo, pelos ensinamentos, acolhida e confiança; à minha mãe, Geralda Aparecida Gomes Pereira, pelo incentivo aos estudos desde a Educação Básica; ao meu esposo, José Gomes de Souza, pelo apoio, companheirismo e amor; à professora Jana e às crianças da turma, pelas contribuições essenciais

para a minha pesquisa; à minha querida Jakslaine Silva da Penha, pela amizade e contribuições durante o meu curso de mestrado.

Débora: Agradeço à Rosângela Pereira dos Santos, por mais uma parceria de leveza e brilho, como ela é; à Emanuely de Araujo Dantas, por ser o meu maior amor e motivo dos meus dias; à Dalzira Maria Aparecida Iyagunã, por ser a minha maior inspiração acadêmica, materna e de força; ao Luís Thiago Freire Dantas, por ser o parceiro de uma vida; à Sonia Rodrigues da Penha, profissional ímpar e que faz de sua clínica o espaço de acolhimento e de verdadeiro empoderamento de tantas mulheres negras adoecidas pelo racismo; à Lucilene Soares, pela presença intensa em todos os momentos, inclusive na concepção deste livro; às profas. Dras. Marileide Gonçalves França e Juliana Cristina Teixeira, por serem minhas companheiras negras-pilares na Ufes.

“Negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles.”¹

1 Frase proferida por Lélia Gonzalez e registrada por Luiza Bairros (2000, p. 343).

Prefácio

“Você queria nos ver quebradas?”¹

*Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?
Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.*

Começo este prefácio com uma frase do poema *Ainda assim eu me levanto* (*I'll rise*), de Maya Angelou,² que foi inspiração para uma parte do título deste livro. Livro que tem este tom das vidas que resistem... que descobrem seus ouros e se fortalecem para não se quebrarem. É uma alegria fazer parte das trajetórias destas duas mulheres negras, Rosângela e Débora. Por isso, agradeço ao convite para prefaciá-lo este livro, decorrente do processo da dissertação da

1 Ao longo do texto, usarei algumas frases do poema, em alguns casos, mesmo entre aspas, não estará literal. Fiz pequenas mudanças para ajustar à lógica da escrita, permissão poética, eu diria. Espero que compreendam.

2 ANGELOU, Maya. **Poesia completa**. Bauru: Astra Cultural, 2020.

primeira autora, mas também do caminho formativo de todas nós que participamos dessa jornada desde a qualificação.

Cada uma de nós, mulheres negras, que ocupamos diferentes posições neste estradar — mestranda, orientadora, banca — aprendemos coisas muito importantes sobre o que é estar na academia e o que significa ocupar as posições representadas nesses processos. Uma mulher negra que se aventura a fazer o mestrado, outra que se aventura a fazer parte, na condição de orientadora, em um programa de pós-graduação e outra que se aventura a participar de bancas como arguidora.

Não conversei individualmente com as autoras, mas posso afirmar que sei o que se passa com elas para não se quebrarem e se levantarem, pois sei o que se passa comigo. Ocupar esses lugares acadêmicos não é pouca coisa para corpos como os nossos. É preciso resistir aos olhares que nos perscrutam: "O que estão fazendo aqui?" E aos silêncios que nos dizem: "Você é mesmo orientadora?", "Você é mesmo arguidora?", "É você mesmo mestranda?". Parecem questões ingênuas, como dizem alguns, "sem maldade", mas, a depender do dia ou do momento, elas podem nos quebrar.

Conto aqui um exemplo pessoal para que possam compreender de onde falamos. Estava em um evento em que havia um momento para o lançamento de livros e o meu, intitulado *Racismo estrutural e infância negra: premissas para uma discussão conceitual e política sobre desenvolvimento infantil*, era um deles. Tratava-se de uma obra de distribuição gratuita, mas poucas pessoas sabiam disso. Via ao meu lado a frequência das pessoas participantes em outras mesas de lançamento, enquanto a minha estava sem uma viva alma. Aguardei firme por um tempo, mas fui me desanimando e falava com uma amiga pelo celular que ia recolher meus 10 exemplares disponíveis para distribuição e assistir ao filme que ela me convidou. Nesse ínterim, chegaram duas jovens pesquisadoras negras, creio que ainda eram estudantes de graduação. Pegaram um livro, conversamos e lhes disse que era gratuito. Ficaram animadas. Pediram autógrafos e depois chamaram outras colegas. Eu me senti bem feliz porque era bom que a mensagem do livro chegasse até aquelas pesquisadoras iniciantes.

Nesse processo, restaram apenas dois livros, então decidi me manter em pé e aguentar um pouco de solidão acadêmica. Quem sabe conseguiria ir embora sem nenhum livro? Estava, portanto, quase feliz com o desfecho da noi-

te de autógrafos quando se aproximou de mim uma pesquisadora importante no campo da infância, bastante consolidada e reconhecida por seus pares. Ela olhou o livro e me fez as seguintes perguntas: “Você está estudando o meu tema? Você sabe, né, que eu estudo infância negra?”

Fiquei sem ação por segundos. Só consegui dizer: “Sim, eu sei que você estuda infâncias negras”. Ela deve ter visto no meu rosto a decepção daquela abordagem e, rapidamente, disse: “É brincadeira, imagina eu, uma mulher branca, falando isso. Soa mal”. Em seguida, pediu-me desculpas e disse que costumava brincar assim com duas outras pesquisadoras negras de altíssimo nível e elas não ligavam. Fui embora com meus dois livros, com um sentimento ruim, angustiada. E pensando por que não ouvi daquela pessoa experiente e reconhecida algo como: “Parabéns pelo seu trabalho. Conte comigo, pois pesquise o mesmo tema!”. Por que, ao invés disso, ela questionou a minha legitimidade? Sim, eu estava quebrada.

O mundo da pesquisa tem “donas brancas”. Seja qual for o tema, inclusive o das infâncias negras. Nem neste somos nós as referências. No dia seguinte, a professora me encontrou e novamente pediu perdão. De fato, acredito que ela se arrependeu da “brincadeira”. Eu lhe disse que não havia gostado do que ouvi, mas que estava perdoada. Porém, como os ensinamentos ancestrais nos dizem que perdoar não é esquecer, não esqueci e não esquecerei. Nesse mesmo dia, participei da mesa *Infâncias Plurais* e, inspirada pelos acontecimentos, trouxe uma reflexão sobre a dura luta que pesquisadoras negras, que pesquisam sobre infâncias, têm travado para serem reconhecidas. Reproduzo aqui um trecho dessa fala:³

Para podermos responder o que está acontecendo com as crianças e suas infâncias plurais, onde estão, para onde vão, é importante refletir sobre como fazemos nossas perguntas, mas também sobre quem está fazendo as perguntas. Quem pesquisa esta pluralidade? E de que modo? Com quais diálogos? Na palestra de abertura, Ireni Rizzini falou da necessidade de termos coragem de fazer escolhas e que elas têm custo. E quanto!! As pesquisadoras de infância no Brasil têm reiterado

3 Fala apresentada por mim no 8º GRUPECI - Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, que aconteceu de 4 a 6 de dezembro de 2023, em Curitiba-PR. Teve como tema “Infâncias e justiça social: perspectivas no contexto brasileiro”.

abordagens únicas para dar conta de um fenômeno tão denso, intenso e múltiplo que são as crianças. O campo acadêmico não tem possibilitado o que Nego Bispo chama de contra-colonial. Fazemos perguntas muito importantes e respondemos com os mesmos e as mesmas autoras consagradas em outros países, outras realidades, ou, quando chegamos até o Brasil, são os e as consagradas daqui. Quantos corpos plurais cabem neste escopo teórico? Como responder questões pertinentes a determinados grupos sem que o amparo teórico que as sustentem também não sejam plurais? É possível discutir a diversidade das infâncias, reconhecer os marcadores de raça, a identidade de gênero, a classe e continuar com os/as mesmos/as teóricos/as? Alguns, inclusive, que negam a diversidade como uma categoria importante de análise e a colocam como uma tentação, seria um pecado, então? É possível continuarmos neste curso e ainda assim produzir novas compreensões do mundo que caibam todas as crianças? Ou estaríamos trazendo o tema da pluralidade das infâncias, no conforto de nossas já consolidadas abordagens e “entre nós”, a mesma turma, o mesmo padrão, a mesma abordagem? Qual o lugar da pluralidade teórica e dos novos corpos que adentram a universidade? Felizmente para todas nós, eu não trouxe respostas a essas indagações que faço; quero apenas partilhar com vocês reflexões em voz alta. Dizer que, para mim, uma pesquisadora negra de 57 anos completados no dia 03/12, que fui uma criança negra, tenho aprendizados e conhecimentos que surgiram desta experiência. Como disse Patricia Hill Collins, a experiência produz conhecimento, não melhor ou pior do que quem não a tem, mas produz um conhecimento de outra qualidade, ou seja, quando eu pesquiso criança negra ou discuto diversidade, tem um lugar que ocupei nesse processo, nessa categoria estrutural (ironia) que me dá alguns aportes teóricos importantes para interpretar o mundo. Então, venho produzindo conhecimento sobre ser criança negra há exatos 57 anos. Isso não me permite falar de todas as experiências de crianças negras brasileiras, pois elas são múltiplas, mas, sem dúvida alguma, me coloca em um lugar de escuta e de fala no mínimo importante. Será que existe um lugar para ser ouvida? Estou na pesquisa sobre diversidade e infâncias desde 1994. Naquele mo-

mento, conversei com crianças de cinco e seis anos sobre o que elas pensam em relação a ser negro, ser branco... sobre identidade. Sim, eu usei para isso a literatura tão vigente naquele momento, e foi “Menina bonita do laço de fita”, mas era 1994! Muitas de vocês nem tinham nascido. Isso tudo para indicar que nós que pesquisamos relações raciais e infância não estamos paradas no tempo esperando acontecer, estamos fazendo a hora! A hora agora é das crianças negras que gostam do seu cabelo, conhecem a sua história, amam a sua ancestralidade. A hora agora é de as pessoas brancas reconhecerem esse caminhar duro e exitoso de pesquisadoras negras que, com seu legado de luta, que não separam o ativismo da academia, colocam na roda que nenhuma discussão universalista dará conta da diversidade de infâncias e que, ao discutirmos a infância negra, não estamos tratando de um nicho, particular, nem minoritário, estamos tratando de infâncias. Espero muito que os encontros do GRUPECI caminhem nessa direção nos novos tempos que se anunciam. É para lá que vamos para construir a justiça social com equidade racial. ADUPÉ.

Levantei-me.

O relato acima reporta um momento tenso em que senti a necessidade de explicitar minha ira, meu descontentamento, pois sei que “trago comigo o dom de meus antepassados / Eu carrego o sonho e a esperança da mulher escravizada”.⁴ Não é um processo fácil. Tem custos emocionais e implicações acadêmicas. Podemos nos calar e andar nas brechas galgando um lugar ao sol, ou nos expor acreditando que estamos indo “em direção a um novo dia de intensa claridade”. Posso dizer que recebi muita acolhida quando a mesa terminou. Várias pessoas vieram me cumprimentar. Algumas negras disseram que vivenciam a mesma experiência e outras brancas me estenderam a mão. Outras acharam a fala raivosa. De fato, havia esse componente, às vezes, muito necessário.

O contexto apresentado é para explicar que este livro tem importância ímpar na medida em que compartilha o processo de construção de pesquisadoras

4 Texto original do poema: “Trazendo comigo o dom de meus antepassados, Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado”.

negras em diferentes momentos de suas trajetórias. Precisamos dizer do que vivemos, mostrar que nossa caminhada nesse espaço nem sempre é fácil, mas também apresentar nossas estratégias de continuidade, nossa ginga, para irmos traçando trilhas, caminhos, estradas para que outras nos sigam.

O primeiro capítulo trata de muitos momentos deste cair e levantar-se, que é o processo de nos tornarmos pesquisadoras. O medo, a angústia. Momentos em que nosso corpo se curva e ficamos de olhos no chão. "Ombros caídos como as lágrimas...". Porém, narra-se, ou melhor, narram-se, cada uma das autoras ao seu modo, como foram "Deixando para trás noites de terror e atrocidade". O ato de nos levantarmos nunca é solitário, jamais é um processo individual.

O livro é testemunho dessa rede, pois se assenta no processo de mestra-do de mais uma de nós. Ser mestra no Brasil não é pouco. Desde o começo da nossa escolarização, os índices mostram que os instantes da vida nos desfavorecem. Quando concluimos a educação básica, há uma desvantagem na aprendizagem se comparadas às pessoas brancas, mesmo aquelas que estão na mesma situação econômica que a gente. Então, alcançar o título de mestra exige de uma pessoa negra que se propôs a isso muito empenho, muito estudo, muito tempo. Do outro lado, há a mesma entrega, ou talvez mais. Ser orientadora comprometida com bons resultados, texto e produção qualificada pede de nós mais que dedicação. Buscamos nossos ouros permanentemente.

Outro aspecto que o livro vai mostrando é a gira intelectual, epistemológica, quando as referências acionadas trazem produção de outras mulheres negras, o que resulta da constatação de que mulheres negras na academia produzem conhecimento relevante e passam a ser referência no campo teórico para campos importantes da educação. Como bem nos ensinou Sueli Carneiro (2005), ao discutir que o dispositivo de racialidade — epistemicídio — vai além da morte dos conhecimentos de pessoas negras, mata-se também a crença de que elas possuem a capacidade de produzir conhecimento. Por isso, é marco relevante que não pode ficar invisível, as referências teóricas trazidas por outras mulheres negras.

O relato da primeira autora também anuncia que há espaços importantes sendo construídos na universidade, como é o caso do LitERÊtura, que funciona como uma usina a produzir energia necessária para muitas mulheres e homens

negros se levantarem, tornando-se “oceano negro, profundo na fé / Crescendo e expandindo-se como a maré”. Nessa roda, a pesquisa que dialogou com crianças pequenas, formação de professores/as e literatura infantil vai nos apresentando outras alianças tecidas para além da universidade, que foram mudando perspectivas e sustentando crianças negras na Educação Básica.

Assim, os sentimentos de estar “fora do lugar”, da “alma enfraquecida pela solidão”, relatados pelas autoras no capítulo 3, não servem para nos rendermos aos fatos; ao contrário, é para dizer-nos, a todos e todas que lerão este livro, sobre a existência de uma propulsão de vida e não de morte em nós e, por isso, “ainda assim, como o ar, nós vamos nos levantar”.⁵

Tal testemunho nos leva aos capítulos 4, 5 e 6, nos quais se apresenta a caminhada percorrida para a construção da pesquisa de mestrado da primeira autora, indicando-nos que tudo é processo e que não dominamos todo ele desde seu início. Temos que criar e recriar soluções para os desafios que se apresentam, acreditar que somos capazes, produzir nas rupturas da estrutura que nos quer longe, submissas, não nos quer autoras.

Como vocês lerão no texto, as autoras destacam palavras minhas registradas no parecer de aprovação da defesa de Rosângela, ressaltando o que chamei de “lindeza indescritível”: “Eu nem sabia que era negra até te conhecer”, frase proferida por uma criança durante a pesquisa de campo. Ambas as autoras, certamente, estão muito felizes com os resultados deste processo, porque saber que contribuíram para que uma menina negra, com seus quatro ou cinco anos de idade, diga isso é o título mais importante que podemos alcançar como mulheres negras comprometidas com infâncias negras felizes.

O livro é testemunho de que “Como a lua e como o sol no céu, com a certeza da onda no mar, como a esperança emergindo na desgraça, assim mulheres negras vão se levantar”, e serão mestras e doutoras. Agradeço mais uma vez a oportunidade de testemunhar esta andança e espero que este livro percorra muitos grupos de pesquisas, cursos preparatórios para pós-graduação e alcancem muitas mulheres, especialmente negras, para que seja uma

5 Texto original: “ainda assim, como o ar, eu vou me levantar”.

mão a levantá-las nos momentos mais difíceis da produção acadêmica. Não se esqueçam: “se levantem, se levantem”.⁶

Curitiba, 20 de abril, sábado, 18º, 22h53m

Lucimar Rosa Dias
Professora da Universidade Federal do Paraná.
Coordenadora do ErêYá - Grupo de Estudos em Educação para as Relações
Étnico-Raciais.

6 Texto original: “Eu me levanto. Eu me levanto.”

Apresentação

Este livro foi originalmente produzido como um produto educacional. No âmbito do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, o produto educacional é atrelado à elaboração da dissertação de mestrado, sendo, portanto, um item inerente à própria pesquisa e que condiciona a aprovação e a conquista do título de mestre/a.

No caso do produto educacional original⁷ (Santos; Araujo, 2023), seu conteúdo foi além de uma produção técnica, responsável por reunir informações oriundas da dissertação de mestrado e com proposições teórico-metodológicas. Como será possível perceber ao longo das páginas desta obra, assim como foi aquela publicação (mais concentrada na vivência de Rosângela e, nesta, envolvendo também a voz de Débora), trata-se de uma conversa franca e aberta sobre os principais desafios vivenciados na pós-graduação, proferidos por duas mulheres negras que, mesmo em momentos diferentes da vida (uma na condição de orientanda e outra de orientadora), comungam trajetórias, anseios e compromissos sociais.

7 O título do texto original é “Relatos de uma pesquisadora negra” e está disponível em: https://educacao.ufes.br/sites/educacao.ufes.br/files/field/anexo/produto_educacional_-_rosangela_com_ficha.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

O livro é uma espécie de diário de bordo compartilhado, que mescla o estilo de cada uma de nós: Rosângela, que compreende o quanto a produção coletiva a forjou como pesquisadora; Débora, que só sobreviveu à pós-graduação por ter encontrado espaço de compartilhamento no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (Neab-UFPR). Se não fossem tais encontros, provavelmente nós não teríamos resistido. Por essa natureza, de um diário, nossas vozes serão ora mescladas, ora individualizadas, ora cruzadas. Falaremos/escreveremos em primeira do singular e terceira pessoa do plural, destacando subjetividades e coletividades; falaremos/escreveremos sob vozes múltiplas, mas também individuais, pois, concordando com Nilma Lino Gomes (1996), a identidade negra

[...] se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo (Gomes, 1996, p. 74-75).

Além disso, ao exercermos a mesma profissão, fica evidente, assim como ficou no estudo de Gomes (1996), que comungamos também do fato de termos rompido com padrões estabelecidos que, histórica e culturalmente, teriam nos direcionado para outras atividades profissionais:

Essas mulheres negras, ao se tornarem professoras, 'saíram do seu lugar', isto é, do lugar predestinado por um pensamento racista e pelas condições socioeconômicas da maioria da população negra brasileira – o lugar da doméstica, da lavadeira, da passadeira, daquela que realiza serviços gerais⁸ –, para ocupar uma posição que, por mais questionada que seja, ainda é vista como possuidora de status social e está

8 Nilma Lino Gomes insere, nessa passagem, uma observação em nota de rodapé que também representa o que consideramos, por isso a transcrevemos: "Ao fazermos essa afirmação não queremos menosprezar esse tipo de atividade profissional. Reconhecemos o seu valor e importância. Queremos problematizar a análise acrítica, ainda presente no nosso imaginário, que tende a relacionar a presença da mulher negra nesses setores como algo 'natural', e não como resultado de um processo histórico de exclusão social e racial, que coloca sérios obstáculos à ascensão social e profissional dessas mulheres" (Gomes, 1996, p. 77-78, nota de rodapé 10).

relacionada a um importante instrumento: o saber formal (Gomes, 1996, p. 77-78).

Desse modo, ter a oportunidade de rememorar ambas as trajetórias e apontar para leitores e leitoras (especialmente pessoas negras) os percalços, percursos, desafios e conquistas, reflete diretamente o nosso modo de existir no mundo: em dimensão coletiva. É, portanto, um livro que compartilha experiências, aconselha sobre os caminhos possíveis para o ingresso e permanência na pós-graduação, problematiza o ensino e seu desafio de superar o elitismo colonial e denuncia o racismo, responsável por paralisar, adoecer e, se não enfrentado em sua raiz, por nos expulsar do espaço acadêmico.

Por isso, parte do título do livro encontra, no poema de Maya Angelou, *Ainda assim eu me levanto (I'll rise)*, a tradução da justa medida do que construímos na luta diária na pós-graduação: apesar de..., ainda assim... nos levantamos e nos levantaremos. Com essa tônica, pautada em palavras-chave como “luta”, “desafio”, “coletivo”, é possível, para algumas pessoas, que este livro seja considerado um discurso “emocional”. Pode até ser, pois, para abordar o que abordaremos com a franqueza que trataremos neste livro, é necessária uma alta dose de emoção. Mas o sentido de emocional, neste caso, tem outra vertente, e a resposta está em Lélia Gonzalez (2020, p. 44):

Para nós, é importante ressaltar que emoção, subjetividade e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam uma renúncia à razão, mas, ao contrário, são um modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica. Trata-se, no nosso caso, de uma outra razão.

Assim, convidamos você à leitura, prometendo te avisar quando as vozes verbais mudarem (de terceira pessoa do plural para primeira do singular), e aproveitamos também para oferecer um estilo de escrita que provoca os limites da produção acadêmica convencional, pautado na linguagem objetiva, distante e apática. Falaremos/escreveremos com paixão, indignação e afeto, pois, sendo afetadas por nossas trajetórias, pretendemos também afetar quem nos lê.

Capítulo 1

“Eu não sou discriminada porque eu sou diferente; eu me torno diferente através da discriminação”

Escolhemos a frase⁹ de Grada Kilomba, uma mulher negra, portuguesa e artista interdisciplinar, para iniciar este texto, pois é uma reflexão que se aproxima do que pretendemos destacar sobre esta obra.

Como professoras que somos, pretendemos, também, performar como docentes que ministram suas aulas com o compromisso de promover um espaço formativo e educativo. É um texto que tem leitor/a endereçado/a: as pessoas, especialmente negras e, mais em particular, mulheres negras, que desejam ingressar na pós-graduação e que tiveram, assim como nós, trajetórias de pesquisa anterior fragmentada ou completamente nula. Portanto, dirige-se, mais diretamente, ao acesso e permanência no mestrado, uma das mais importantes etapas da pós-graduação no Brasil (e, de certa maneira, considerada a primeira, excluindo-se o curso de especialização). Por sua natureza, o

9 Proferida durante uma entrevista para a Carta Capital em 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problemativa-branca201d-uma-conversa-com-gradakilomba/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

texto mesclará¹⁰ ora linguagem mais técnica e informativa, ora mais informal e afetiva, mas sempre com o mesmo objetivo: oferecer conteúdos do campo teórico, prático e também subjetivo. A intenção, com isso, é ser um texto que ela fala com você, que deseja acessar um curso de mestrado e é negro/a, ou está pensando em seguir os estudos para o doutorado.

Nesse sentido, apresentamos desafios que você poderá enfrentar ao buscar a pós-graduação, mas também aconselhamos a como desviar ou, se tiver que passar, como enfrentar o caminho das pedras. Ao falar de nós e de nossas trajetórias como pesquisadoras-professoras ou professoras-pesquisadoras, tentaremos falar com centenas de outras mulheres negras que passaram pela experiência de cursar um mestrado, mesmo não tendo vivenciado qualquer experiência anterior com pesquisa. O não contato com a pesquisa em nível da graduação se dá por diversos motivos, como: não ter tido condições (por conta de ter que aliar estudo com trabalho), mesmo estudando em instituição pública, ou o fato de sua instituição não oferecer iniciação científica, como é o caso de muitas faculdades privadas. Pois, sim, a realidade é que uma parcela significativa (se não a maior) das mulheres negras que acessam o ensino superior está concentrada nas instituições privadas e, na maioria das vezes, sem acesso à pesquisa.

Edilza Correia Sotero (2013), em análise dos fatores gênero, cor e raça nos indicadores de acesso ao ensino superior, a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), constatou que, embora o acesso ao ensino superior brasileiro esteja apontando as mulheres negras em posição quantitativa maior que os homens negros, a verdade é que elas se concentram no ensino privado. Sotero (2013, p. 44) chamou esse fenômeno de “hierarquização no ensino superior brasileiro”.

Diante disso, ao nos propormos esse exercício, pretendemos dialogar com outras de “nós”, que, quando ousamos sonhar com a pós-graduação, muitas vezes somos assombradas pela síndrome da impostora ou pelo descrédito de nossos pares. É uma luta que, por outro lado, quando enfrentada, potencializa justamente a nossa condição de população negra que, como sempre na

10 As fronteiras entre o que se convencionou a chamar de acadêmico e não acadêmico implicou, ao longo da história, numa hierarquização que excluiu o pensamento que não corresponde ao campo hegemônico (branco). Ainda assim, vamos manejar essa dubiedade, mas muito mais no sentido de provocação do que realmente crença de que exista uma neutralidade a ponto de cindir objetividade de subjetividade. Para mais, ler Kilomba (2019, p. 51-52).

história deste país, resiste e reexiste, e quando ingressa nas salas de pós-graduação, produz mudanças epistemológicas importantíssimas, pois fala de um lugar que a academia costumou ter como objeto de estudo e agora é sujeito de pesquisa. É como diz Kilomba (2019, p. 238, grifo da autora): “Somos eu, somos *sujeito*, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade”.

É o que buscamos fazer no âmbito do *LitERÊtura – Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias*. Criado em 2017 no Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, seu nome agrega duas importantes ideias: literatura infantil e erê.

Em matrizes culturais africanas, é erê a representação da alegria que habita cada criança. Convencionou-se, em países do ocidente, que criança corresponde ao ser humano com idade mais ou menos entre 0 a 12 anos. Mas, no sentido aqui proposto, a noção de criança é ampliada. A criança, na perspectiva erê, habita cada corpo, tenha ele qual idade tiver. Então, a grafia ERÊ em caixa-alta na palavra LitERÊtura, além de realçar essa noção de infância, também brinca (característica de erê) com palavras (Araujo, 2022, p. 19).

Passando rapidamente pelos temas de pesquisas¹¹ de cada estudante de graduação (e seus estudos de iniciação científica ou trabalho de conclusão de curso), mestrando/a ou doutorando/a, deparamo-nos com uma multiplicidade de temas e propostas epistemológicas que enfrentam um ensino eurocêntrico e uma lógica “monocromática” de pensar o mundo, centrada no branco, reconhecida por Maria Aparecida Silva Bento (2002, p. 25) “como modelo universal de humanidade”. Então, retomando as palavras de Kilomba que nomeiam este capítulo, e que refletem sobre o fato de que não somos discriminados/as por sermos diferentes, mas sim nos tornamos diferentes por causa da discriminação, o confronto com essa exclusão, que se dá durante toda a nossa vida, toma forma especialmente na pós-graduação, quando se espera uma escrita e uma produção mais autônoma e autoral.

11 Além das pesquisas em andamento ou recém-iniciadas (como é o caso da primeira turma de doutorado do grupo), algumas já foram concluídas e suas publicações podem ser acessadas no nosso blogue: <https://literetura.wordpress.com/publicacoes-2/>.

Porém, o que escrever, se o que foi dito/estudado sobre nós, população negra, reduz-se, majoritariamente, a estereótipos ou, mais recentemente, ao "identitarismo" (termo da moda)?

Pensar sobre tudo isso me remeteu (a voz de Débora assume agora) ao período em que cursei o mestrado e o doutorado. Assim como Rosângela, eu também não me reconhecia em muitas das páginas das obras lidas e menos ainda entre os/as colegas de turma que, conforme me parecia, conheciam mais do jogo, que somente eu estava jogando sem saber as regras. Isso inclusive foi lembrado por meu orientador, professor Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva, em sua tese de professor titular da UFPR:

Ingressei no mestrado como docente na linha de Cognição e Aprendizagem onde tive entradas no mestrado nos anos de 2006 a 2008. Sérgio Luís do Nascimento e Débora Cristina de Araujo foram meus primeiros orientandos negro e negra e relatavam muito a falta de compreensão dos colegas sobre as hierarquias raciais como objeto de estudos, e mais que isso, um clima de opressão racial nas aulas, determinado principalmente pelas colegas de turma. A participação de mestrandas e mestrandos negros no PPGE com entrada regular era uma novidade, pois contavam-se nos dedos os anteriores a este processo (Silva, 2023, s/p).

Por isso, na minha tese de doutorado, momento mais desafiador da minha vida (maior ainda do que no mestrado, quando enfrentei um quadro depressivo), abri uma seção especial para discutir sobre esses desafios. São palavras as quais te convido à leitura aqui também, nos parágrafos a seguir.

É muito difícil, para uma pesquisadora ou pesquisador que se considera engajada/o e comprometida/o com sua pesquisa, e, sobretudo, com os resultados dela para a sociedade, ver seu projeto sofrendo tantas transformações a ponto de em certos momentos tornar-se tão abstrato e distante que seus olhos não o reconhecem mais. Diante disso, no doutorado (Araujo, 2015), optei por escrever uma seção inicial na qual compartilhei os percursos e percalços enfrentados para a produção de um trabalho complexo como é o caso de uma tese, situações essas que, de certa maneira, influenciaram na própria realização da pesquisa.

Folheando materiais "antigos", da época do mestrado, encontrei uma obra clássica para a academia e que me dizia como escrever um trabalho acadêmico:

trata-se do livro *Como se faz uma tese*,¹² de Umberto Eco (2008). Lembrei dos momentos de leitura desse livro e do quanto as discussões no seminário obrigatório me estimulavam a construir uma pesquisa de mestrado “adequada” aos moldes da academia. Relendo o início dessa obra, deparei-me com aspectos que me deixaram mais confusa ainda sobre os motivos que fizeram com que tudo tenha acontecido de modo tão diferente no doutorado, já que a fluidez e cadência com que os passos foram dados na realização da pesquisa de mestrado não se repetiram no doutorado. Chamou-me atenção novamente as “quatro regras óbvias” da escolha de um tema de pesquisa, assim definidas pelo autor:

- 1) Que o tema responda aos interesses do candidato (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural ou religiosa);
- 2) Que as fontes de consulta sejam acessíveis, isto é, estejam ao alcance material do candidato;
- 3) Que as fontes de consulta sejam manejáveis, ou seja, estejam ao alcance cultural do candidato;
- 4) Que o quadro metodológico da pesquisa esteja ao alcance da experiência do candidato (Eco, 2008, p. 6).¹³

Tentei refletir sobre essas quatro regras e conversar tanto com Eco — buscando, metaforicamente, reconhecer em sua figura a própria academia,¹⁴ que cobra resultados com consistência argumentativa adequada e nos seus moldes para considerar meu trabalho uma “tese de doutorado” — e comigo mesma, que tenho como companhia em minha vida o compromisso com a minha história de mulher negra e de pesquisadora. E, sim, Eco e eu-mesma, o tema respondia aos meus interesses, já que, para uma pesquisadora de relações étnico-raciais no Brasil, engajada com a luta de combate ao racismo e

12 É preciso levar em consideração que o que o autor considera como tese, em sua análise relaciona-se ao texto produzido ao final da graduação, e não à tese de doutorado. De qualquer maneira, suas reflexões apresentaram importantes elementos também para a minha tese (Araujo, 2015).

13 O autor ainda apresenta, também em nota de rodapé, uma quinta regra: “que o professor seja adequado”.

14 De certa forma, a ideia de academia, nesse contexto, tem um tom irônico, pois “academia” trata-se de um espaço que tradicionalmente relegou pesquisadoras/es e pesquisas engajadas com o combate ao racismo a posições menores, generalizando-as como “militantes” e pouco comprometidas/os com a qualidade teórica. O meu objetivo foi de provocar essa ideia de “academia”, fazendo uso de suas “armas” para defender a minha tese.

outras formas de discriminação, investigar se, grosso modo, há racismo em um dos maiores programas do mundo em distribuição de livros a bibliotecas de escolas públicas, representa uma realização acadêmica e pessoal; sim, as fontes de pesquisa eram acessíveis (ainda que, no decorrer do estudo, o acesso a dados internos tenha se revelado menos acessível que se previa), pois, embora não houvesse uma quantidade de pesquisas a contento, as que foram realizadas indicam novas trilhas a serem abertas; e sim, as fontes eram manejáveis, faltando apenas por parte da pesquisadora escolhê-las, já que elas vinham de duas grandes áreas do conhecimento e posicionavam-se de formas diferentes sobre o mesmo objeto: ou eram originárias dos estudos literários ou da educação; e, finalmente, sim, a pesquisadora estava familiarizada com a perspectiva metodológica que pretendia utilizar em sua pesquisa.

Se todas as questões foram afirmativas, por que foi tão difícil desenvolver tal pesquisa, a ponto de eu ter desejado desistir no meio do percurso? Sem respostas concretas para esta nova interrogação, mas, ao mesmo tempo, sendo uma pergunta latente durante os quatro anos de curso e, sobretudo, durante a realização da pesquisa de campo e da escrita do texto, surgiu-me uma saída: registrá-la como experiência, conferindo-lhe um status de procedimento metodológico para, só assim, conseguir superá-la (talvez a melhor expressão fosse “expurgá-la”).

Embora não tendo a mínima pretensão (e condição) de me expressar com a mesma intensidade poética de Aparecida Sueli Carneiro (2005) em sua tese de doutorado, apoio-me em suas palavras, pois, ao propor um diálogo franco com o “Eu hegemônico” — e ela ocupando a posição de “paradigma do Outro” (Carneiro, 2005, p. 20) — a autora desenvolveu uma reflexão que me toca profundamente, por ser eu também um paradigma do Outro na produção acadêmica convencional:

Subjugada que sou pela síndrome DPE (Discriminação, Preconceito, Estigma [...]) te busco Eu hegemônico, não para receber de ti o ensino verdadeiro, que assim como a verdade, conforme falou um filósofo africano (desculpa a heresia) resume-se a três, a minha, a sua, e ela, a Verdade, inatingível para nós dois. Aspiro ao ensino que decorrerá do encontro dos nossos aprendizados. No que me diz respeito são aqueles que aprendi desde o primeiro instante em que te encontrei. Talvez do nosso diálogo possa emergir um Ensino capaz de nos

reconciliar a ambos no interior daquela indivisibilidade humana, onde nada que seja humano nos é estranho.

[...]

Embora desterrada para o domínio das particularidades, das contingências, ou exterioridades do ser no qual me confinastes, pulsa em mim, em repulsa a esse ôntico ao qual me reduzistes, um resto ontológico que busca um diálogo restaurador dessa dupla mutilação que empreendestes em relação a ambos. Tu te encontras encastelado na contemplação da Ideia que tens do mundo e eu, anjo caído, residente nesse mundo te convido a olhá-lo com olhos que te permitam ver nele a tua face refletida. Só eu posso te ofertar esse olhar no qual a plenitude do teu ser se manifesta (Carneiro, 2005, p. 20-21, destaques da autora).

Esse “resto ontológico que busca um diálogo restaurador” é o que mobilizou a finalização da tese e me resgatou do abismo em que eu afundava ao ter, constantemente, de enfrentar o racismo cotidiano na pós-graduação. Foi a partir daquele momento que tomei como propósito construir, caso me tornasse professora-orientadora, um espaço de acolhimento e de senso de pertencimento. Por isso, retornando à pesquisa da Rosângela, a quarta pessoa a concluir um mestrado sob minha orientação, reencontrei, em suas palavras e reflexões sobre os desafios que enfrentou durante o mestrado, os mesmos desafios que também tinha vivido, mas, dessa vez, ambas munidas e fortalecidas pelo senso de coletividade, conseguimos enfrentar os obstáculos e apresentar, neste livro, não só os percursos, mas também os ganhos.

Um dos ganhos está justamente no equilíbrio que conseguimos, ao longo dos nossos processos de mestrado e de doutorado, ao expurgar “terrores”: o terror de se sentir fora de um espaço que é nosso por direito (a academia) e o terror de ter sido criança negra sem voz. Sobre esse último tópico é que destaco mais uma potencialidade do estudo de Rosângela: o exercício de pensar as crianças e seu protagonismo. Embora aparentemente simples, esse não é um exercício tão fácil, mesmo para quem convive cotidianamente com crianças (como é o caso dela: professora da Educação Infantil), pois o adultocentrismo que nos constitui prevalece muitas vezes nos modos como interpretamos e agimos com crianças.

Retomando agora a voz coletiva, encerramos este capítulo com mais uma constatação de Gomes (1996) e que se relaciona conosco:

O trabalho com a questão racial em sala de aula representa uma forma de se relacionar com os alunos pertencentes aos diferentes segmentos raciais, valorizando e respeitando suas particularidades culturais e compreendendo suas histórias de vida. Reconhecemos a dificuldade que representa essa nova forma de agir e o quanto é necessário à professora se permitir viver o difícil processo de reconstrução da identidade racial, visto que nós, negros, somos educados desde a infância para nos anularmos a fim de sermos aceitos pelo 'outro'. Mas travestir-se¹⁵ nesse outro não é fácil e suas consequências são nefastas à constituição da identidade racial (Gomes, 1996, p. 80).

Neste livro, propomo-nos e nos comprometemos mutuamente a não mais nos representarmos como outro/a. Ao contrário, desejamos nos reconhecer tal qual somos e pensamos a academia e o que produzimos sobre ela.

15 Ainda que compreendamos a proposta da autora, é preciso destacar, concordando com uma importante observação de Davi Barbosa, um dos leitores críticos deste texto, que a ideia de "travestir-se" sugere que a pessoa travesti se apresenta ao mundo de uma forma que ela não é.

Capítulo 2

“Eu nem sabia que era negra até te conhecer’: literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira para crianças pequenas da Educação Infantil”: um convite à leitura

Este capítulo, centralizado na minha voz (Rosângela), inicia destacando o desafio da escrita. Acertar os pontos, as linhas e as palavras certas, ou quase certas, requer tempo e dedicação. E quando se trata de pesquisa acadêmica, envolve técnicas e conhecimento, como já problematizamos anteriormente. Diante dessa constatação, por muitas vezes fui tomada pela seguinte questão: o que dizer e escrever quando nos deparamos com uma página em branco, dúvidas e prazos a serem cumpridos?

Esse é um desafio vivido por muitas mestrandas e muitos mestrandos nesse exato momento. Porém, o deleite de ter um trabalho escrito por você, com suas ideias, argumentações, descobertas científicas e contribuições para a sociedade é a certeza de que o processo vale a pena. Soma-se, neste caso em específico, o pertencimento étnico-racial e a consciência de si: ser uma mulher, negra, professora da educação pública são fatores que não

passam despercebidos a quem imerge na pesquisa acadêmica, ao menos nas Ciências Humanas.

Pensando na pesquisa que realizei no mestrado, que envolveu pesquisar, ouvir e escrever com/sobre crianças negras, o desafio foi na mesma medida que a conquista. Desafio porque fui uma criança negra silenciada, diferentemente das crianças da minha pesquisa, e uma conquista porque quebrei ciclos e barreiras impostas por uma sociedade racista que demarca o lugar de crianças, adolescentes e mulheres negras.

“A professora não falou o meu nome!”. Essa frase abriu a introdução da minha dissertação (Santos, 2023, p. 18). Era uma frase proferida algumas vezes por mim, ainda criança, ao chegar em casa depois da aula. Criada em uma cidade do interior de Minas Gerais, fui uma criança tímida e retraída, sempre quietinha. Na sala de aula, eu me sentava nas cadeiras do canto, tinha medo dos colegas acharem graça das trancinhas que a minha mãe fazia no meu cabelo. Naquela época, iniciando o ensino fundamental, o meu sonho de menina era ser chamada por minha professora pelo meu nome. Eu a achava tão linda com aqueles cabelos longos e loiros. Ela sempre se dirigia a mim sem falar meu nome, era sempre “menina”, “você aí do canto”, “a de trancinha”. As poucas vezes em que me citava nominalmente era para entregar alguma atividade depois de corrigida. E, como sempre, eu caprichava e ela elogiava algumas vezes, pensava que ela nunca mais esqueceria o meu nome. Mas, para a minha frustração, no outro dia era a mesma coisa: a professora não falava o meu nome.

Esse período da minha infância foi resgatado em um dos encontros do LitERÊtura, quando fizemos a leitura e discussão do capítulo *Êxtase: ensinar sem limites*, da saudosa bell hooks¹⁶ (2017), em que ela trata da pedagogia engajada.¹⁷ Embora seja um relato sobre turmas universitárias, seu texto acio-

16 A escritora usava o nome em minúsculo como forma de enfatizar a essência dos seus livros, e não quem ela era. Segundo Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017, p. 73), “[...] argumenta hooks que ela mesma não deve ser reduzida a um nome e seu trabalho não deve ser levado em consideração apenas por sua assinatura”.

17 *Êxtase: ensinar sem limites* é um capítulo do livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (hooks, 2017). Em síntese, esse capítulo é uma reflexão da autora quanto às suas práticas na perspectiva da pedagogia engajada. De acordo com hooks (2017, p. 269), a essência da abordagem pedagógica engajada é o pensamento crítico, sendo, em algumas de suas versões, “[...] o único tipo de ensino que realmente gera entusiasmo na sala de aula, que habilita os alunos e os professores a sentir alegria de aprender”.

nou lembranças sobre minha trajetória como estudante da Educação Básica e também como professora da Educação Infantil. É como se bell hooks conhecesse as nossas dores e anseios.

Fazendo a leitura do texto de hooks, fui percebendo o que vem a ser esse engajamento traçado pela autora. Ela enfatiza a preocupação com as turmas cheias, sendo isso um modo de enfraquecer a pedagogia engajada. Na concepção da autora, as turmas volumosas atrapalhariam “[...] saber de cor o nome dos alunos, de ter um relacionamento de boa qualidade com cada um deles” (hooks, 2017, p. 268). Observando a relação horizontal dela com suas turmas e a preocupação em saber o nome de cada estudante, fico pensando como teria sido diferente a minha infância, dentro de uma sala de aula, se a professora tivesse conhecido e se apropriado de bell hooks.

Vale considerar que, no meu caso em específico, a professora não falava o meu nome, não por ser uma turma grande, mas pelo fato de eu estar invisível para ela naquele espaço. A atenção dela para comigo era apenas por protocolo. Talvez na concepção da professora, eu não fosse digna de estar naquele lugar.

Por isso, antes de adentrar nas páginas que descrevem um pouco da minha vivência e experiência acadêmica, faz-se necessário apresentar brevemente a minha dissertação de mestrado que, em seu próprio título, já demarca uma conquista para uma professora da Educação Infantil que tem como prática a educação pautada no combate ao racismo e à discriminação, bem como a valorização da estética, potencialidades e criatividade das crianças, sobretudo as negras, que foram, historicamente, silenciadas como eu fui.

O produto educacional que deu origem a este livro foi pensado a partir das minhas vivências desde o processo de ingresso no mestrado até a elaboração da dissertação. A pesquisa teve como foco as vozes das crianças pequenas da Educação Infantil, sobretudo as vozes das crianças negras que, por vezes, são negligenciadas dentro dos espaços educacionais. Assim como muitas mulheres negras da minha geração, eu fui uma criança que não teve suas manifestações percebidas no espaço educacional, por isso deixo que a mulher que sou hoje narre a voz que foi silenciada na infância, não com as dores da época, mas como reflexos dela. É, portanto, uma reunião de narrativas a partir das minhas lentes, de mulher negra, professora e pesquisadora.

A dissertação,¹⁸ intitulada ‘*Eu nem sabia que era negra até te conhecer*’: *literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira para crianças pequenas da Educação Infantil* (Santos, 2023), foi pensada a partir de inquietações e situações vividas por mim enquanto criança e agora como professora.

Passar pela escola, por um longo tempo, praticamente invisibilizada torna o percurso de crianças, principalmente as negras, doloroso e traumatizante. Por me colocar nesse lugar de não ter o meu discurso ouvido na infância é que fui movida a compreender e acolher os discursos das várias infâncias que perpassam um centro municipal de Educação Infantil. Ter um olhar sensível e responsável pelas histórias das diferentes infâncias que estão inseridas em um centro de Educação Infantil é um caminhar para o início da desconstrução de uma educação colonizadora, que invisibiliza as potencialidades e subjetividades das crianças, principalmente as negras.

Maria Cristina Soares de Gouvea e Manoel Jacinto Sarmento (2008) salientam que os estudos da infância são um campo em desenvolvimento com dimensões interdisciplinares:

A partir do olhar da sociologia, da história, da antropologia, da psicologia, etc., e tomando por foco a infância como categoria social do tipo geracional, têm-se vindo a desenvolver trabalhos de pesquisa que procuram resgatar a infância como objeto de conhecimento, nas suas múltiplas articulações com as diversas esferas, categorias e estruturas da sociedade (Gouvea; Sarmento, 2008, p. 9).

Esse olhar para a infância como categoria social, e para as crianças como agentes sociais ativas, é uma perspectiva da Sociologia da Infância. A partir desse campo científico, a criança tem sido vista como sujeita de direito, produtora de cultura, e não mais como um ser biológico em construção que precisa ser tutelado.

É na primeira infância que se inicia o desenvolvimento da identidade do indivíduo. Na família, a primeira organização social que a criança tem contato,

18 Acesse o texto da dissertação na íntegra por meio de dois caminhos: a) pelo site do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação: https://educacao.ufes.br/sites/educacao.ufes.br/files/field/anexo/01_versao_final_da_dissertacao_18.pdf; b) pelo blog do LitERÊ-tura: <https://literetura.wordpress.com/teses-e-dissertacoes/>.

é onde as referências e impressões sobre o mundo começam a ser construídas. Além dessas referências familiares e culturais, é importante que elas se vejam representadas nos brinquedos, na literatura e nos demais produtos culturais destinados às infâncias, como desenhos animados, filmes, entre outros. Por vezes, esses produtos culturais carregam uma marca eurocêntrica, especialmente a literatura infantil (foco da pesquisa desenvolvida no mestrado), o que nos leva a questionar: onde estão as personagens negras? E as princesas¹⁹ e príncipes negros/os? Qual história é contada para as crianças na infância?

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019, p. 26) alerta para o perigo de uma “história única”, pois a “[...] história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”. De acordo com Adichie, histórias únicas podem roubar a dignidade e a cultura de um povo. Concordando com ela, é necessário apresentar outras narrativas que valorizem todas as infâncias.

Assim, o tema central da dissertação foi a investigação das manifestações de crianças negras da Educação Infantil sobre seus pertencimentos étnico-raciais, ao interagirem com a literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira. O objetivo geral foi analisar, em crianças negras de idades entre quatro e cinco anos de uma turma da Educação Infantil, suas manifestações (falas, gestos, emoções, representações imagéticas) sobre seus pertencimentos étnico-raciais, quando em contato com a literatura infantil com valorização africana e afro-brasileira.

Decorrentes desse, os objetivos específicos foram: observar como as crianças pequenas interagem com livros literários que tematizam a cultura africana e afro-brasileira; investigar aspectos da identidade infantil, autoimagem, relacionamento entre criança/professora e criança/criança, a partir do pertencimento étnico-racial; identificar a influência das representações positivas de personagens negras da literatura infantil no pertencimento étnico-racial das crianças negras; elaborar, como produto educacional, um relato de experiências

19 Devido ao fato de a minha dissertação de mestrado ter tido como foco a literatura infantil, uso como referência princesas e príncipes por serem personagens que estão mais presentes na literatura direcionada ao público infantil, principalmente por se tratar dos primeiros livros que crianças têm contato, sendo alguns clássicos duplamente reforçados por meio de adaptações para o cinema.

na pós-graduação. O que você está lendo é, justamente, o produto educacional acrescido de outros capítulos.

A metodologia que conduziu a investigação do mestrado se deu por meio da pesquisa-ação, na perspectiva de Michel Thiollent (2009), que tende a ser aplicada em diversos campos de atuação, sendo um dos seus principais objetivos “[...] dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora” (Thiollent, 2009, p. 10).

A pesquisa que realizei é caracterizada como pesquisa-ação, pois se relaciona ao caráter de implicação que tenho com o campo de estudos. Explicando melhor: no ano de 2021, atuei como assessora pedagógica na Coordenação de Estudos Étnico-Raciais (CEER)²⁰ da Secretaria Municipal de Educação de Serra-ES. Durante esse período, estive assessorando os Centros Municipais de Educação (CMEI) do município e pude observar a carência de livros de literatura com personagens negras, bem como a dificuldade das professoras²¹ em levar essa literatura para a sala de aula, algumas por estarem atreladas ao mesmo tipo de obras clássicas europeias (como os contos de fadas) e desconhecerem a literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira, outras por receio de como essa literatura seria recebida pelas crianças e pela família.

O desejo inicial da pesquisa era, portanto, de produzir investigação em toda a malha da Educação Infantil municipal, mas, obviamente, esse projeto não foi viável, pois, durante uma pesquisa de mestrado, eu não conseguiria alcançar os 74 CMEIs da Serra. Além disso, a pesquisa com crianças demanda tempo e, sendo uma pesquisa-ação, a pesquisadora se envolve e participa. Por isso, decidimos (eu e minha orientadora, autora desta obra conjunta) que a intervenção seria com apenas uma turma.

20 A CEER compõe a Secretaria Municipal de Educação do município de Serra-ES e é responsável pelo acompanhamento das ações de implementação da Lei 10.639/2003 na rede de ensino de Serra. São atribuições dessa coordenação, também, assessorar as instituições de ensino e oferecer formação em Educação das Relações Étnico-Raciais para os/as profissionais do magistério da rede.

21 Por compreender que a maior parte das profissionais da primeira etapa da Educação Básica é constituída por mulheres, optei por utilizar o feminino na dissertação, quando estiver me referindo a esse nível escolar.

Estruturada nos temas literatura, infância, identidade e relações étnico-raciais, o referencial teórico que sustentou o estudo é composto por Eliane Debus (2017) e Débora Araujo (2018), fundamentando as discussões sobre a literatura; Eliane Cavalleiro (2020), Caroline F. Jango (2017), Fúlvia Rosenberg (2011), Lucimar Rosa Dias (2007) e Sara da Silva Pereira (2019), com a abordagem sobre infância e relações étnico-raciais; Nilma Lino Gomes (2017) e Kabengele Munanga (2005), com discussões sobre raça e identidade.

Os resultados provenientes da pesquisa indicaram que, se por um lado crianças negras da Educação Infantil demonstram medo quanto ao julgamento das crianças brancas sobre seu pertencimento étnico-racial, por outro, a literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira exerceu influência na maneira com que muitas constroem sua identidade étnico-racial, sendo possível perceber que, após o contato com os livros, houve mudanças na autodeclaração racial de algumas crianças negras.

Além de proporcionar uma experiência com a literatura e um estímulo para a formação leitora, livros que contêm, em seus enredos, personagens que se aproximam da realidade racial das crianças em papel de protagonismo, de modo humanizado (Oliveira, 2003) e vivenciando atividades cotidianas, bem como recebendo carinho e valorização quanto à sua negritude, possibilitam uma construção racial positiva para crianças negras. Já para as brancas, proporciona também uma educação na perspectiva antirracista que, desde a Educação Infantil, pode mobilizar a valorização de outras experiências humanas.

Outro resultado da pesquisa, constatação que já vem sendo sinalizada em outros estudos e reafirmada na dissertação e no produto que aqui está registrado em forma de livro, é a importância da Educação das Relações Étnico-Raciais na formação inicial e continuada de professoras e professores.

Capítulo 3

“Você conhece alguém lá dentro?” Quando a síndrome da impostora vem de fora

Outro motivo que nos instigou a escrever sobre nossas experiências na pós-graduação é a forma que muitas/muitos colegas de profissão pensavam/pensam sobre o mestrado. O pensamento era/é de que seria um lugar inalcançável para professoras e professores da Educação Básica. Embora soubéssemos que muitas outras pessoas ingressavam na universidade, especialmente a pública, cursando a pós-graduação, aquele mundo da sala de aula e os muros da escola parecia ser o nosso limite.

Esse também era o nosso pensamento antes do ingresso no curso. Oriundas de faculdades que não tinham em seus princípios a continuidade dos estudos via pós-graduação *stricto sensu* (Débora graduada em 2003 e Rosângela em 2011), não havia, no nosso horizonte de expectativas imediatas, a projeção desse sonho, ainda que o sonhássemos. Afinal de contas, as contingências materiais da vida nos colocavam o mercado de trabalho como única opção (e fruto de muita comemoração pelo seu ingresso). Não sabíamos o que era fazer pesquisa de iniciação científica; não tínhamos ideia de como elaborar e submeter um artigo em periódico acadêmico; muito menos compreendíamos a lógica produtivista da academia, que obriga, muitas vezes,

a uma produção insana, repetitiva e pouco inovadora, tendo como objetivo primário alcançar metas de publicação/ano.

A minha percepção (voz de Rosângela) sobre os desafios e a falta de perspectivas só foi aumentando quando conversava com colegas e comentava que havia ingressado no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Muitas eram as perguntas, mas havia duas que sobressaiam: "Você conhece alguém lá dentro?"; "Como eu faço para tentar uma vaga?". E eu (voz de Débora) lembro quando ingressei no doutorado (2011) no ano seguinte à conclusão do mestrado (2010) e comentei com um professor de Filosofia da escola onde trabalhávamos que estava muito feliz pela aprovação no doutorado. Sua resposta foi: "Nossa, queria conseguir uma bocada dessas". No meu caso, o choque imediato e a paralisia na sequência impediram que eu respondesse qualquer coisa.

Já eu, Rosângela, a partir das minhas respostas (que giravam em torno de "Não conheço ninguém lá"), outras questões também eram colocadas, como: "Deve ser muito difícil, eu não sou tão inteligente". Isso evidenciou que o recalcque com que as primeiras frases são proferidas reúne um combo de prejulgamento tanto sobre a pós-graduação quanto sobre quem "merece"/consegue ou não ingressar em seus cursos. Adicionando-se ao fato de mulheres negras como eu não termos, nessa preconceção, a "cara" de pós-graduandas (mestranda e doutoranda), as perguntas eram mais puras e genuínas ainda, não conseguindo disfarçar o incômodo por nossas existências naquele espaço.

Isso lembra a experiência de Grada Kilomba quando do seu ingresso no doutorado, realizado na Alemanha:

Lembro-me do processo de inscrição do meu projeto de doutorado na universidade como um momento de dor. Ele despertou a dor vinda tanto das margens quanto da 'impossibilidade' de entrar no centro. A inscrição, tão emblemática da minha passagem para o centro, foi um longo e dúbio processo que parecia impossível superar no triunfar (Kilomba, 2019, p. 58).

O centro do qual a autora se refere é o oposto de onde ela e nós provemos:

Eu, como mulher *negra*, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos

de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro (Kilomba, 2019, p. 58-59, destaque da autora).

Por isso, foi necessário a nós enfrentarmos vários mitos, dentre eles o de que só ingressa na pós-graduação pública *stricto sensu* (mestrado e doutorado) quem conhece alguém dentro da universidade. Isso pode ser reflexo de uma cultura nada meritocrática, mas sim privilegiadora, que, por muito tempo, estabeleceu-se como “regra” em muitos processos seletivos. Como não é nossa intenção acusar — até porque o privilégio não é de fácil identificação — podemos reduzir essa discussão em uma expressão: “uma histórica falta de transparência em processos seletivos na pós-graduação”. O fato é que, por esses e outros motivos, o ingresso em cursos de pós-graduação em instituições públicas foi um processo muito nebuloso para grande parcela de nós.

Assim, consideramos que a universidade pública brasileira deveria fazer uma mobilização mais intensa para a desmistificação desses mitos que tanto distanciam pessoas como nós de seu espaço, mesmo ele sendo público e fruto de uma luta social e histórica. As pessoas precisam saber que o processo de seleção para ingressar na pós-graduação é lícito e aberto para todos/as que queiram tentar. Outra passagem vivenciada por Kilomba se aproxima das nossas reflexões: “Exigiam repetidamente novos certificados que não haviam sido listados, nem sequer mencionados antes. [...] Ao final, disseram-me que nenhum daqueles documentos era realmente necessário [...]”. (Kilomba, 2019, p. 58).

No nosso caso, os desafios não se apresentavam tão explícitos assim, até porque, diferentemente dela, realizamos nossos processos seletivos no nosso país e tendo o nosso idioma como língua oficial. Mas nem por isso as coisas foram facilitadas. Eu (Débora), por exemplo, convicta de que não seria aprovada em um processo seletivo na universidade mais importante do estado do Paraná (a UFPR), ainda que já frequentasse, como estudante não regular, uma disciplina no programa de meu interesse na universidade (o PPGGE), ingressei em um curso preparatório para o mestrado, realizado por uma instituição do movimento negro paranaense de grande expressão. A proposta em si era de extrema relevância e tinha como objetivo realmente proporcionar uma maior equidade no momento do processo seletivo, oferecendo aos/às cursistas negros/as conhecimentos que “traduzissem” a linguagem e os códigos das etapas de uma seleção: desde a leitura do edital, a concepção do tema de pesquisa, a elaboração do projeto, a prova escrita e a prova oral.

No entanto, o docente responsável parecia ter pouco compromisso com a proposta do curso, de modo que, durante os encontros, eu — uma entre várias mulheres negras — fosse recorrentemente questionada sobre as minhas reais condições de aprovação. Lembro que a última atividade era o envio do projeto de pesquisa após as correções iniciais dele. Sua resposta ao e-mail foi: “Boa sorte”. Sem qualquer outra palavra, pontuação mais efusiva (como ponto-de-exclamação), aquela frase representou para mim: “Sinto muito, mas eu já estou avisando que você não vai passar”. Contudo, de todas as pessoas daquela turma que tentaram o processo seletivo (algumas desistiram durante suas aulas), eu fui a única aprovada.

Ter esse resultado final não representou, para mim, qualquer sentido revan-chista. Ao contrário, o efeito que isso surtiu em mim foi do nascedouro da sín-drome da impostora. Por que será que eu havia sido selecionada? Será que eu merecia mesmo? Na mesma época, eu estava cursando — na condição de disci-plina isolada²² (também conhecido como “estudante especial”) — uma disci-plina com o professor que depois se tornaria meu orientador. Havia, sim, passado por um processo seletivo quando fui uma das selecionadas para frequentar sua disciplina, mas mesmo assim eu questionava se agora, como oficialmente apro-vada no mestrado, realmente eu havia “passado” ou “sido passada”.

Agora, quando retomo a memória desse fato e reviso minha trajetória como estudante da pós-graduação, depois “concurseira” aprovada e classi-ficada em quatro concursos para docente do ensino superior no período de dois anos (IFPR, UFCG, UFPR e Ufes), hoje professora de dois programas de pós-graduação da Ufes, penso sobre a questão de outra forma, e tive a oportunidade de registrar a minha interpretação em uma outra publicação. Trata-se de uma obra que reuniu textos de pessoas que foram ou são orien-tadas por Paulo Vinicius Baptista da Silva. O trecho é extenso, mas opto por transcrevê-lo na íntegra.

Foi pensando em uma frase proferida pela atriz Viola Davis que decidi escrever este texto. A frase diz: ‘A única coisa que separa as mulheres negras de qualquer

22 Não tenho mais acesso ao edital do processo seletivo que participei, mas compartilho link de um processo mais recente, que estabelece as regras para aprovação: https://www.prppg.ufpr.br/site/ppge/wp-content/uploads/sites/45/2024/03/sei_6381004_edital_19_2024-1.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

outra pessoa é a oportunidade'. Essa afirmação se relaciona muito com a minha trajetória educacional: uma criança/jovem/adulta negra que demonstrava, pelo seu modo comprometido com os estudos, interesse em seguir estudando até patamares mais avançados, mas que sempre esbarrava em obstáculos quase intransponíveis, sendo um a baixa autoestima e o outro (e principal deles) a falta de oportunidades. Para que eu possa chegar ao objetivo deste texto, que é de destacar a participação e contribuição do prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva na minha trajetória acadêmico-profissional, pensei nessa frase.

Embora hoje eu esteja afastada dele e de seu trabalho, o senso de justiça que me guia me faz reconhecer a sua importância não somente na minha vida, mas na de muitas outras pessoas negras que tiveram nele o aporte necessário para continuar seus estudos em nível de pós-graduação.

Se por um lado afirmações como essas possam sugerir ter havido algum tipo de prestígio do qual fomos beneficiárias/os, a verdade é que, ao contrário, a trajetória de ex-orientandos/as e seus relatos certamente vão mostrar o quanto houve luta e insistência para a nossa entrada na pós-graduação, mas sempre as portas estavam fechadas. E os argumentos eram os mais variados: 'Você não tem um tema de pesquisa, pois isso que você quer estudar não é tema'; 'Você vai militar ao invés de pesquisar'; ou, ainda, 'Você quer pesquisar isso para resolver um conflito pessoal seu, né?' (esta última frase ouvi mais de uma vez).

Então, ter alguém que nos ouviu, em muitos casos pela primeira vez, e considerou que tínhamos algo de importante sobre nossa história a ser dito à sociedade é, sem dúvida, alguém digno de reconhecimento (Araujo, 2023, p. 54-55).

De todo modo, sei bem onde e como essa dor pelo fantasma de ser uma potencial impostora dói. Por isso, a experiência da Rosângela tanto se aproxima da minha.

Na outra trajetória, eu, Rosângela, tanto no processo de seleção quanto ao longo do curso, fui percebendo que algumas questões aparentam ser bem

maiores do que são, como, por exemplo, a entrevista (prova oral), as aulas e a universidade em si. Entretanto, outras questões que aparentam não ser tão assustadoras podem se mostrar extremamente corrosivas para quem está há muito tempo fora do espaço acadêmico da universidade e para quem não se encaixa nos "padrões" aceitos pela sociedade. É por isso que no próximo capítulo proponho, juntamente com a Débora, apresentar os caminhos percorridos por mim até chegar à versão final da minha dissertação, bem como sugerir possibilidades para professoras e professores da Educação Básica que desejam adentrar no universo acadêmico pesquisando crianças, suas infâncias e as relações étnico-raciais.

São palavras que provêm de uma mulher negra, professora da Educação Básica (Educação Infantil) e pesquisadora e que refletem seus pensamentos, anseios, medos, marcas, aprendizagens e descobertas durante o processo seletivo para o mestrado, o início, o meio e o fim das aulas, bem como a pesquisa de campo e as contribuições de todo o processo para o crescimento pessoal e profissional.

Pretendo, com esses apontamentos, contribuir para a desmistificação do ingresso no mestrado e da ideia romantizada que se tem de uma pesquisa acadêmica. É foco também aqui materializar, a partir dessa escrita, o que é ser mulher negra dentro da universidade, ao menos a partir da minha experiência e da Débora. Além disso, destaco o desafio que é não contaminar a pesquisa realizada com crianças negras, sendo eu uma adulta que foi criança negra em um universo educacional construído sem considerar a diversidade que permeia uma escola.

Capítulo 4

A primeira página a ser preenchida: como fui apresentada ao Mestrado Profissional

“Não deixe nada pra depois
Não deixe o tempo passar
Não deixe nada pra semana que vem
Porque semana que vem pode não chegar.”
(Pitty)

A escolha desse trecho em específico da música “Semana que vem”, da cantora Pitty, tem dois motivos: o primeiro é o alerta que ela faz para que não deixemos nada para depois. Quantas vezes procrastinamos e vamos vendo a vida passar diante dos nossos olhos. Por vezes, temos o desejo de iniciar um curso novo, uma aula de dança, uma academia e vamos deixando para depois. O segundo motivo é pela ameaça que o mundo estava passando devido à pandemia da Covid-19,²³ no período do meu (Rosângela) ingresso no mestrado. De fato, a “Semana que vem” não chegou para muitas pessoas; a

23 A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (Ministério da Saúde, Brasil). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 27 jun. 2023.

dor da perda de um ente querido, a dor da fome e o medo de perder a vida nos anos de 2020, 2021 e início de 2022 eram sentimentos constantes.

Sem o desejo de que este livro se transforme em um manual (mas também sem prometer que determinados leitores e leitoras assim o vejam), apresento o caminho percorrido até que fosse possível ver meu nome na lista dos/as aprovados/as para o Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGPE/Ufes).

Tudo começou quando uma ex-colega de trabalho, que já é mestra, enviou-me pelo WhatsApp o edital do processo seletivo. Olhei rapidamente e pensei: "Isso não é para mim". Um dos principais empecilhos era o teste de proficiência. A proposta de pesquisa, então, eu nem sabia por onde começar. Tinha um tema em mente, mas não sabia como desenvolver.

Além disso, eu não conhecia o PPGPE. Os únicos de que tinha conhecimento eram o Programa de Pós-Graduação em Educação (também do Centro de Educação), que a colega que enviou o edital havia cursado, e o Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS/Ufes) do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, onde o meu esposo estava cursando. Acompanhei o processo de seleção dele, mas não sabia de fato como foram todas as etapas.

Na época, eu atuava como assessora na Coordenação de Estudos Étnico-Raciais (CEER) e uma das minhas colegas de trabalho me incentivou a tentar. Segundo ela, o teste de proficiência não era esse "monstro" que eu estava pintando, e iria me indicar uma instituição que eu poderia fazer, caso a Ufes não oferecesse o teste há tempo. Fiquei pensativa, achando muita coisa para pouco tempo. Ao comentar com outras pessoas do setor, que já eram mestras, ouvi que de fato conseguir entrar no mestrado não seria fácil e que dificilmente eu passaria na primeira tentativa, pois isso tinha acontecido com elas.

Durante o período da pandemia, nós, professoras e professores da rede municipal da Serra, assistimos a muitas *lives*. Nesses momentos formativos, conheci muitas pesquisadoras e pesquisadores falando de temas que eu ainda não havia tido contato. Foi em uma dessas *lives* que tomei conhecimento do conceito da "literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira". Eu já conhecia alguns livros, mas não sabia que havia pessoas que pesquisavam sobre eles, como a pessoa que se tornaria a minha orientadora. Então o tema eu já tinha: seria literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira.

O incentivo do meu esposo, que à época havia ingressado no PPGPS e sempre me estimulava a tentar, pois enxergava, em minhas práticas de sala de aula, potencialidades que deveriam ir além dos muros da escola, levou-me a fazer inscrição para o exame de proficiência de leitura em língua espanhola. E no dia 13/03/2021, às 14 horas de um sábado ensolarado, lá estava eu em uma sala gelada para fazer o temido exame. Confesso que fiquei nervosa, mesmo tendo o suporte do dicionário.

Para a minha surpresa, nove dias depois, recebi o resultado: havia obtido a nota que o PPGPE exigia no edital. Com isso, fiquei empolgada a iniciar a proposta de pesquisa, o que exigiu muito de mim, pois a minha formação foi em faculdade particular.²⁴ Embora eu tenha tido ótimos/as professores/as, o ensino da universidade federal tem sua potência na formação acadêmica e, além dessa questão, eu estava desde 2011 fora do universo acadêmico. Desde que me graduei, nunca mais escrevi um texto científico.

Diante disso, o primeiro passo foi ler com atenção o edital e conhecer, mesmo que pouco, o PPGPE. Então, entrei no site indicado no edital e fiz a leitura de uma rápida apresentação sobre o programa. Em seu site, o Programa é apresentado da seguinte maneira:

O Programa Profissional em Educação, do CE/UFES, visa a formar profissionais da educação, tendo em vista o lugar essencial que esses profissionais ocupam nos sistemas educacionais, e, portanto, a capacidade que possuem para contribuir para o alcance do preceito constitucional relativo ao direito à educação para toda a população brasileira. Compreendemos os profissionais da educação todos que estejam em efetivo exercício nas escolas de educação básica, nas secretarias de educação e também técnicos e docentes que atuam nas instituições de ensino superior (PPGPE/Ufes).

24 Convencionou-se, histórica e culturalmente, reconhecer as faculdades particulares como sendo de qualidade inferior às públicas. Por isso esse estigma também me acompanhou. Mas, lembrando o caso da Débora, ela cursou uma faculdade pública (Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí, hoje Unespar – Campus Paranavaí) e também não havia lá, à época, iniciação científica ou qualquer outra iniciativa para continuidade dos estudos na pós-graduação. Inclusive, o seu quadro docente do seu curso era composto, majoritariamente, por professores/as com nível de especialização apenas.

Com sede na cidade de Vitória-ES, o curso de Mestrado Profissional em Educação²⁵ da Ufes, que teve seu início em 2017, atualmente está avaliado com nota 4 atestada pela Capes.

Munida dessas informações e das constatadas no edital, comecei a fazer algumas leituras, resumos e a pesquisar como produzir uma proposta de pesquisa de mestrado. E é nesse passo que muitas pessoas desistem do processo de seleção, pois se veem perdidas e acabam desistindo do sonho de cursar uma pós-graduação. É sobre isso que quero falar com quem deseja ingressar no mestrado.

A proposta de pesquisa

Se você chegou até aqui, quero que saiba que estou abrindo um pouco da minha intimidade com você. É importante compreender que é o pensamento de uma mulher negra, com marcas, traumas e anseios. Talvez possamos não concordar em algumas coisas, mas a intenção é contribuir, principalmente com meus/minhas companheiros e companheiras de profissão negros/as, sobre essa parte do processo seletivo que, como já enfatizamos, é onde muitas pessoas paralisam e desistem.

O PPGPE-Ufes, ao elaborar o edital, tem o cuidado de colocar em anexo o *template* da proposta de pesquisa, que informa o que cabe em cada parte do texto: memorial, introdução, objetivos (geral e específicos), revisão de literatura, referencial teórico, metodologia, produto educacional e referências. Esse cuidado que o Programa teve me auxiliou bastante no momento de organizar a minha proposta de pesquisa, e acredito que todos e todas que seguem as dicas apresentadas no *template* conseguem avançar alguns degraus.

Bom, continuando, eu estava trabalhando o dia todo e o horário que tinha para elaborar a proposta de pesquisa era no período da noite. Paralelamente a isso, tratei de criar o meu currículo Lattes, que também é uma exigência em todos os programas de mestrado. Os dias se passaram, pois passam muito rápido quando temos demandas a fazer. E às 22h21min do dia 29 de março de 2021, último dia para fazer a inscrição, estava eu lá, revisando a minha proposta. Uma dica: nunca façam isso! Não deixe nada para a última hora.

25 No ano de 2024, o Programa passou a ofertar também o curso de doutorado.

Eu garanto que não é nada bom. Mas, com a ajuda dos deuses e deusas da candidata atrasada, eu venci essa etapa e consegui enviar a minha inscrição com toda a documentação antes da 00h.

Passado esse processo, era só aguardar as demais etapas de acordo com as datas previstas no edital. Como eu sou uma mulher negra, optei pela inscrição com reserva de vagas para negros/as (pessoas pretas e pardas). É importante saber que o PPGPE tem políticas afirmativas²⁶ e quem tem direito a elas não deve deixar de se inscrever, pois é conquista de uma luta histórica empreendida por negros e negras que nos antecederam.

Rodrigo de Oliveira Andrade (2022), em seu artigo *Ações afirmativas enfrentam desafios para se consolidar na pós-graduação*, evidencia que, embora a adoção de políticas afirmativas pelas universidades tenha ampliado o acesso a pessoas pretas, pardas, indígenas e de baixa renda no ensino superior, para a pós-graduação, os desafios são muitos ainda e, “[...] mesmo com a portaria²⁷ do MEC e as políticas adotadas pelas universidades, as iniciativas se distribuíram de forma desigual” (Andrade, 2022, p. 41).

Por enquanto, cada programa de pós-graduação tem seu critério próprio para reservas de vagas, então é importante fazer a leitura atenta de todo o edital, principalmente quando se tem a intenção de ingressar por meio de alguma política de cotas. Vale ressaltar a relevância em obedecer e respeitar as normas da seleção, pois, para algumas das camadas da sociedade, a reserva de vagas, ainda que pouca, é uma reparação histórica.

Para Rosenverck Estrela Santos (2018, p. 139):

[...] a população negra, por conta de todos os processos de marginalização empreendidos pelo Estado e por sua elite escravocrata e herdeira do escravismo, teve suas referências históricas, sua contribuição à construção da sociedade brasileira negada, alocada os piores lugares nos campos social, econômico e político tendo consequências diretas no acesso às políticas públicas sociais.

26 Reserva de vagas para: pretos/as, pardos/as e indígenas (PPI), pessoas com deficiência (PCD) e pessoas trans (transexuais ou travestis).

27 A Portaria Normativa nº 13, de 11 de maio de 2016, dispõe sobre a indução de ações afirmativas na Pós-Graduação. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3192/portaria-normativa-mec-n-13>. Acesso em: 16 ago. 2023.

Partindo de uma série de questões, Gomes (2017), em seu livro *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*, destaca a importância que as organizações negras têm, não só para negros e negras, mas para toda a sociedade brasileira. Dentre elas, destacam-se as conquistas mais contemporâneas, a robustez da discussão em torno da questão racial e africana, bem como a emergência das políticas de promoção da igualdade racial.

Conforme a autora, não se pode desconsiderar que

[...] se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas diversas formas de expressão e organização – mesmo com todas as tensões, os desafios e os limites - muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de igualdade racial teriam sido construídas e implementadas (Gomes, 2017, p. 18-19).

Dessa forma, a autora evidencia e demarca que, se ao longo da história foi possível auferir algum nível de conquistas para a população negra, isso ocorreu, sobretudo, devido à força organizativa da população negra, principalmente através de entidades criadas após a abolição. Ou seja, as muitas e substantivas conquistas foram propiciadas a partir da luta que, aos poucos, foi possibilitando a essa população espaços antes negados. Mas também, essas conquistas se refletem direta e indiretamente a toda a sociedade brasileira, como as cotas sociais. Aliás, no âmbito do ensino superior, por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu),²⁸ as cotas são, essencialmente, sociais.

Sendo assim, sem o objetivo de incorrer em nenhuma espécie de romantismo, ressalto que o fato de as organizações negras terem lutado sozinhas contra escravidão confere ainda mais relevância à força coletiva do Movimento Negro, que segue movimentando as estruturas da sociedade brasileira, independentemente da ordem social estabelecida, até porque nunca existiu alternativa diferente.

Como infere Gomes (2017), jamais será possível negligenciar a importância das intervenções protagonizadas pelo Movimento Negro ao longo da nossa

28 Disponível em: <https://sisualuno.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

história em prol de uma sociedade verdadeiramente democrática e sem opressões, tendo como um dos frutos de toda a sua resistência a adoção de políticas de promoção da igualdade racial. Acredito que se não fosse pelas incansáveis mobilizações e incontestável incidência do Movimento Negro, o Estado brasileiro oficialmente ainda bateria na tecla da democracia racial brasileira.

Importante saber, também, que, ao se inscrever para vagas reservadas para pessoas negras (pretas e pardas) pelo PPGPE²⁹, as regras atuais (2024) estabelecem que não é tirado da pessoa o direito de concorrer na ampla concorrência. Ao contrário, o/a candidato/a inscrito/a que obtiver pontuação compatível com a ampla concorrência tem sua classificação nessa modalidade e, assim, a reserva de vagas é destinada para outro/a candidato/a classificado/a na mesma categoria. Somente em caso de não preenchimento de nenhuma das categorias de cotas é que, então, a(s) vaga(s) migra(m) para a ampla concorrência.

Mário Osório Marques (2006), na obra *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*, apresenta que, tratando-se de pesquisa, “[...] esta só inicia pela definição de seu começo (o problema, o tema ou assunto, uma hipótese, um título, que tudo significa quase o mesmo)” (Marques, 2006, p. 16). Relata que, em suas práticas de escrita, “[...] tem feito do título esse começo”, já que a “[...] coisa só principia a funcionar quando consigo encontrar um título, que provisoriamente resume meu problema e se constitua em hipótese a ser trabalhada. Isso sim, uma continuidade artesanal” (Marques, 2006, p. 16).

Desse modo, caro/a leitor e leitora, para começar, é imprescindível ter bem mapeado o que deseja pesquisar para, a partir desse começo, elaborar hipóteses e desenvolver seu projeto de pesquisa.

Com o propósito de elucidar as possíveis dúvidas de quem, assim como eu, esteve por tempos fora da universidade e apresenta dificuldade ou dúvidas quanto a alguns termos, apresento, de forma resumida, conceitos e explicações com as contribuições de Antonio Carlos Gil (2002). De acordo com o autor, “[...] pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas

29 O PPGPE tem site próprio, no qual são divulgadas as suas atividades, os processos de seleção, bem como os editais anteriores, as dissertações e os produtos educacionais. Site: <https://educacao.ufes.br/pt-br/sobre-o-ppgpe>. Algumas informações também estão disponíveis no Instagram: <https://www.instagram.com/ppgpeufes/>. Acesso em: 3 jul. 2024.

que são propostos" (Gil, 2002, p. 17). Dessa forma, a partir de uma pergunta problema, a pesquisa começa a nascer.

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (Gil, 2002, p. 17).

O autor ressalta que, para se produzir uma pesquisa, é necessário que ela seja planejada, sendo o planejamento a primeira fase. Isso envolve o tempo que irá dispor para pesquisar e quanto gastará financeiramente, pois toda pesquisa tem um custo.

De modo geral, concebe-se o planejamento como a primeira fase da pesquisa, que envolve a formulação do problema, a especificação de seus objetivos, a construção de hipóteses, a operacionalização dos conceitos etc. (Gil, 2002, p. 19).

A concretização do planejamento é a elaboração do projeto; ele irá explicar as ações a serem desenvolvidas ao longo da pesquisa. É no projeto que se deve apresentar uma explicação sobre o processo a ser percorrido para que a pesquisa se concretize.

O projeto deve, portanto, especificar os objetivos da pesquisa, apresentar a justificativa de sua realização, definir a modalidade de pesquisa e determinar os procedimentos de coleta e análise de dados. Deve, ainda, esclarecer acerca do cronograma a ser seguido no desenvolvimento da pesquisa e proporcionar a indicação dos recursos humanos, financeiros e materiais necessários para assegurar o êxito da pesquisa (Gil, 2002, p. 19).

Conforme indicarei a seguir, Gil (2002) apresenta os elementos necessários para um projeto de pesquisa, salientando que, evidentemente, "[...] não há regras fixas acerca da elaboração de um projeto. Sua estrutura é determinada pelo tipo de problema a ser pesquisado e também pelo estilo de seus autores" (Gil, 2002, p. 20). Ou seja, cada pesquisador/a tem suas características na hora de escrever, não sendo necessariamente obrigatório seguir padrões pré-estabelecidos.

Além disso ele ressalta que a ordem das etapas apresentadas não é absolutamente rígida e pode ser modificada ou simplificada pelo/a pesquisador/a de acordo com as especificidades de cada pesquisa:

Os elementos habitualmente requeridos num projeto são os seguintes:

- a) formulação do problema;
- b) construção de hipóteses ou especificação de objetivos;
- c) identificação do tipo de pesquisa;
- d) operacionalização das variáveis;
- e) seleção de amostra;
- f) elaboração dos instrumentos e determinação da estratégia de coleta de dados;
- g) determinação do plano de análise dos dados;
- h) previsão da forma de apresentação dos resultados;
- i) cronograma da execução da pesquisa;
- j) definição dos recursos humanos, materiais e financeiros a serem alocados

(Gil, 2002, p. 20).

Essa pequena introdução pode ser mais bem explorada com conceitos e, até mesmo, um “passo a passo”, presente em seu livro intitulado *Como elaborar projetos de pesquisa* (Gil, 2002).

Apresentadas essas “informações”, sigo com as minhas experiências ao longo dos dois anos cursando o mestrado. Vale lembrar que o que será descrito aqui nem sempre respeitará a data de forma precisa e são impressões minhas, a partir das minhas lentes, sendo possível que outras pessoas, ao vivenciarem as mesmas experiências, não sintam os mesmos sentimentos e emoções, bem como cheguem às mesmas conclusões, já que a maneira de viver o mundo é muito subjetiva.

E eu, Débora, também seguirei, dessa vez mais presente no texto, para também compartilhar sobre o processo de ser uma professora negra orientando outras pessoas negras.

Capítulo 5

A universidade assusta a mulher negra? Como sobreviver às aulas e trabalhos acadêmicos?

“Eu ouvi recentemente que sou da ‘Geração Tombamento’:

Preta, pobre, consciente

Que carrega esteticamente

A cura pro próprio tormento.

Meu tormento não nasceu comigo, me lembro de senti-lo bem no colégio, de os meninos revelarem que amor-próprio era privilégio.

Meu amor-próprio foi construído, demorei, mas aprendi e aos dezoito concluído: meu padrão não é daqui.

E quis lançar aos quatro ventos, pendurar uma faixa amarela, quando eu via uma pretinha triste, escrevia e dizia para ela que tudo nela é de se amar. Tudo.”

(Luciene Nascimento, 2021, p. 35)

O poema que abre este capítulo é do livro *Tudo nela é de se amar*, de Luciene Nascimento (2021). Nele, a poeta descreve a sua trajetória para a descoberta do amor-próprio. Esse poema remete aos caminhos percorridos por tantas mulheres negras que vão construindo aos poucos a autoconfiança na vida pessoal e profissional. Aceitar que somos capazes e podemos ser o que queremos, sem amarras, é difícil para algumas de nós e também para a sociedade racista em que vivemos. Por isso, ingressar na pós-graduação, algo que em certo momento consideramos ser impossível, foi como (re)descobrir o nosso amor-próprio e a nossa autoconfiança.

Se eu, Rosângela, tivesse um diário para anotações lá no passado, provavelmente teria outras narrativas para contar e certamente, nem em meus maiores sonhos, teria o projeto de estar no mestrado. Mas aqui, sim, falo de um sonho realizado, que envolve a permanência no curso.

Dia 19/07/2021, uma segunda-feira fria, eu não tinha um notebook bom para o início das minhas aulas no curso de Mestrado Profissional em Educação da Ufes. Meu esposo se matando para escrever o projeto de qualificação dele em um computador que ficava por dez minutos ligado e desligava, então o jeito seria acompanhar a aula pelo celular. Uma rede de internet não muito boa e, para completar, ainda estávamos na pandemia da Covid-19, período em que muita gente usava a internet ao mesmo tempo, sobrecarregando as redes.

O professor pediu para que todos/as se apresentassem e falassem sobre o que almejavam pesquisar. Eu, como sempre, insegura e preocupada com o que poderiam pensar de mim, fui rápida, sem muitos rodeios. Naquele momento, percebi que, embora estivéssemos no mesmo patamar, alguns e algumas colegas se destacavam mais em suas falas, vivências e experiências. Confesso que fiquei um pouco assustada e com receio do que me esperava. Mas logo fui percebendo que esse lugar de destaque, que já acontece na sociedade para pessoas brancas, não seria diferente em determinados momentos na universidade. Apesar de não ser intenção do/a docente que ministra as disciplinas dar este destaque para estudantes brancos/as, eles/as se fazem destacar.

É inevitável, para mim (Débora), não lembrar de Kilomba (2019, p. 50): “Esse exercício nos permite visualizar e compreender como conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial”. Essa erudição se liga, no nosso caso, de pessoas negras, ao nível que temos de conhecimento da “máquina”/estrutura acadêmica. E aí, falar

torna-se inviável, pois “[...] quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão [...] não imperativa o suficiente para ser dita nem tampouco ouvida”, já que “[...] o ato de falar é uma negociação entre quem fala e quem escuta” (Kilomba, 2019, p. 42). E, se ao longo de nossa trajetória, especialmente de mulheres negras, temos pouco espaço e reconhecimento para falar, nossas vozes vão, aos poucos, tornando-se menos expressivas, afinal:

Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que ‘pertencem’. E aquelas/es que *não* são ouvidas/os se tornam aquelas/es que ‘não pertencem’ (Kilomba, 2019, p. 42, grifo da autora).

Para mim, Rosângela, devo reconhecer, contudo, que o primeiro semestre do curso foi muito difícil para toda a turma, pois tudo era muito novo, especialmente para as pessoas que, independentemente do pertencimento étnico-racial, também não tiveram contato com a pesquisa acadêmica anteriormente.

O curso de mestrado do PPGPE é dividido em duas linhas de pesquisa: “Docência e Gestão de Processos educativos” e “Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar”. Mestrandos e mestrandas das duas linhas cursam algumas disciplinas juntos/as (Ensino e aprendizagem e Práticas Inclusivas) e só no segundo semestre são redirecionados/as para as suas respectivas linhas.

Para além das disciplinas a serem cursadas, há a principal produção que é o projeto de pesquisa, a futura dissertação. E, para caminhar nela, tive uma orientadora que logo de início me passou várias informações. Muito preocupada com as orientandas, tentou ensinar de tudo um pouco. As orientações, principalmente as coletivas, eram a melhor coisa no início do mestrado. No período do curso, éramos três orientandas (duas do PPGPE e uma do PPGE), então a orientadora tinha como metodologia uma reunião de orientação coletiva e outra individual; assim, podíamos ouvir experiências, dar sugestões para as pesquisas umas das outras e ter momentos de troca e de apoio.

Como mestranda e doutoranda que fui, eu (Débora), apesar das aulas e da sensação de não pertencimento ao programa em que estudava, ao longo dos seis anos que duraram ambos os cursos, vivenciei uma rica experiência de me sentir incluída em um espaço em que outros/as estudantes negros/as estavam em maior número: no Neab da UFPR. Descer as escadas até o subsolo

do prédio histórico da UFPR (cuja imponente fachada³⁰ me fazia associá-lo ao Olimpo)³¹ produzia em mim um sentimento de estar entrando em outra dimensão na qual eu podia existir e ser eu mesma. Ignorava, inclusive, o fato de estarmos alocados/as em um espaço insalubre, sem ventilação e com infiltrações,³² da mesma forma, era menos importante perceber o simbolismo que representava um grupo de pessoas negras estar no subsolo de um prédio. O que importava, para mim, era me encontrar com pares e compartilhar os desafios e as conquistas coletivas.³³ Foi a partir disso que surgiu em mim o desejo e o modo de pensar o processo de orientação, seja individual ou coletiva, como um momento/espço de convívio o mais acolhedor e humanizado possível, já que, em maioria absoluta, orientei e oriento pessoas negras, especialmente mulheres. Considerando que as chances de se sentirem solitárias ou não pertencentes (Kilomba, 2019) como eu me sentia na pós-graduação eram grandes, eu desejava garantir o devido acolhimento.

Ainda que com esse acolhimento, eu, Rosângela, reconheço o quanto, para grande parte das pessoas negras, o caminho para quase tudo é árduo. Mas não deveria ser assim! As minhas dificuldades, como mulher negra, começaram ainda na Educação Básica, seguiram na graduação, chegando até a pós-graduação. A questão financeira, a falta de acesso a equipamentos tecnológicos, o transporte público lotado, o estudo após o trabalho. Sei que pessoas brancas passam por isso também, mas nós, negros e negras, somos maioria nessas situações. Sem contar o preconceito e discriminação de que somos vítimas.

A desvalorização de pesquisas que tratam das relações étnico-raciais também foi uma questão enfrentada por mim. Os olhares e algumas falas, o questionamento quanto à relevância da pergunta de pesquisa, os gestos quando eu levantava a mão para fazer uma intervenção durante as aulas, as piadas

30 Ver imagem do prédio em: <https://forumverdade.ufpr.br/caminhosdaresistencia/a-resistencia/predio-historico-da-ufpr-praca-santos-andrade/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

31 Na mitologia grega, o Olimpo é a morada de deuses e deusas. Criei uma interpretação própria: é onde esses seres determinam destinos, organizam a sociedade, mandam e desmandam nos seres mortais. Por vezes, estendo a analogia sobre o Olimpo a toda a academia brasileira, como o símbolo de uma prepotência (e senso de imortalidade de seus “deuses” e “deusas”).

32 Hoje, a sede do Neab-UFPR fica em outro local: no campus Rebouças.

33 Não posso me furtar, no entanto, de ressaltar que esse sentimento que eu nutria pelo Neab-UFPR não é a expressão de todas as pessoas negras que por lá passaram. Opto por destacar apenas a minha experiência.

racistas. Confesso que, por um tempo, isso tudo me afetou muito, levando-me a questionar o meu conhecimento e o meu potencial de pesquisadora.

Com o tempo e ajuda profissional (terapia e medicação), fui conseguindo lidar com algumas atitudes que não acontecem apenas na universidade, mas em toda a sociedade. Algo muito relevante a se destacar é a importância de um grupo de apoio. O meu envolveu as orientações coletivas e os encontros do LitERÊtura. A minha orientadora sempre falava que nós, negras/os, precisamos andar em bando, e que uma rede de apoio é necessária para enfrentar essa sociedade racista em que vivemos.

Na condição de orientadora da Rosângela, eu (Débora) sempre enfatizei essa necessidade. Se tudo o que vivi durante o mestrado e o doutorado eu tivesse passado completamente sozinha (apenas vivendo o contexto das aulas e o convívio com colegas brancos/as), certamente não teria concluído os cursos.

Nesse sentido, busco pautar as minhas ações em pensamentos como os de bell hooks e incorporar práticas em que todas as pessoas se envolvam e compartilhem experiências, conhecimentos e contribuições. Em um artigo produzido com Marcelly Campos, graduanda de Pedagogia e, hoje, minha orientanda de TCC, pudemos escrever, bem ao molde deste livro, e refletir sobre o desejo e a importância de caminharmos juntas e juntos, seja na relação professora-estudante, seja orientadora-orientanda/o, e da responsabilidade e importância que cada pessoa tem no processo:

Ainda que não saibamos de qual povo africano origina-se este provérbio (e temos receio de generalizações do tipo 'provérbio africano'), achamos imprescindível trazê-lo para o texto por ele expressar um aspecto do pensamento de hooks sobre o amor. O provérbio diz: 'Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo'. A rapidez e a distância não são, necessariamente, compatíveis nessa lógica. E, de certa forma, é o que hooks destaca da pedagogia engajada: 'O compromisso profundo com a pedagogia engajada é cansativo para o espírito' (hooks, 2017, p. 267) (Campos; Araujo, 2022, p. 312).

É cansativo, visto que andar em grupo, e ao mesmo tempo respeitando os tempos e limites de cada pessoa, é um desafio enorme. Por isso, uma forma que busco para enfrentá-lo é conclamando todas as pessoas à responsabilidade de se envolverem e de se afetarem pelas trajetórias dos/as colegas de

grupo, pois, concordando com hooks (2017, p. 271), quando “[...] os alunos se veem mutuamente responsáveis pelo desenvolvimento de uma comunidade de aprendizado, oferecem contribuições construtivas”.

Rumando, assim, apesar dos desafios, dos descaminhos e de algumas perdas no processo, vamos buscando sobre-viver na academia de modo mais saudável e digno à vida humana. Dessa forma, no percurso memorial que fazemos neste livro, chegamos a um momento importante do processo formativo da Rosângela: a sua qualificação.

2022: O ano da qualificação

O curso de mestrado tem duração de dois anos, então, durante o período em que cursei as disciplinas, além da leitura dos textos para as aulas, também houve as dezenas de leituras dos textos que foram usados em meu projeto de pesquisa/dissertação. Em janeiro de 2022, o calendário da Ufes ainda estava atípico devido à pandemia e havia turmas da graduação tendo aulas em janeiro, mês comumente destinado ao recesso acadêmico. Mas, ainda que a minha turma não estivesse no mesmo contexto (tendo aulas), também não teve férias, afinal, é válido destacar que, na prática, mestranda/o não tem férias.

O segundo semestre letivo foi com aulas presenciais e teve início em 18 de abril e término em 19 de julho de 2022. Confesso que esse foi o semestre mais difícil para mim, embora tenha sobrevivido ao primeiro, cheio de novidades e aulas on-line. As aulas eram repletas de debates e seminários. Em determinados dias, os debates ficavam calorosos, deixando o clima da turma um pouco carregado. Ocorreram discussões sobre alguns textos que me deixavam exausta e, até mesmo, triste ao perceber determinados preconceitos, vindos de professores e professoras da Educação Básica, colegas de profissão. Entretanto, havia momentos prazerosos que me faziam querer estar mais tempo com as/os colegas da turma.

Julho e agosto foram meses de muitas leituras, muita escrita, muito choro e também de um grande passo para quem está na pós-graduação: a qualificação. O exame de qualificação avalia a dissertação em andamento por meio de uma banca composta por docentes especializados/as ou, ao menos, com adesão ao tema da pesquisa. Essa banca faz a arguição, contribuindo com o aprimoramento do texto; faz críticas e avalia a capacidade de prosseguir e concluir o trabalho acadêmico.

O semestre fechou no dia 19 de julho e eu me qualifiquei no dia 18 de agosto, cansada devido à pressão do final do semestre. Foi o mesmo período de fechamento de disciplinas, entrega de artigo, apresentação de seminários e escrita do texto da qualificação.

A banca de qualificação foi composta pelas seguintes docentes: profa. Dra. Débora Cristina de Araujo (orientadora); profa. Dra. Larissa Ferreira Rodrigues Gomes (arguidora interna, representando o PPGPE-Ufes); profa. Dra. Lucimar Rosa Dias (arguidora externa, do PPGE-UFPR).

Débora perguntou à professora Larissa Ferreira Rodrigues Gomes se ela gostaria que eu apresentasse a pesquisa. Ela sinalizou que não, pois havia sido contemplada com o texto. Confesso que me senti aliviada. Como não precisei apresentar a pesquisa, a orientadora iniciou o exame de qualificação com a reprodução de um vídeo, pois uma das professoras da banca, a Lucimar Rosa Dias, que é de outro estado, teve um contratempo e não pôde participar virtualmente on-line no dia, mas carinhosamente enviou o parecer e gravou um vídeo com a arguição.

Com o coração acelerado, as mãos frias e o rosto quente, o nervosismo era grande. A voz doce da professora Lucimar no vídeo foi me acalmando. Os comentários sobre o meu texto foram muitos e com várias contribuições positivas, bem como preocupações quanto ao excesso de atividades previstas para a etapa da pesquisa de campo (que ainda iria ocorrer). Foram contribuições potentes para o estágio em que a minha pesquisa se encontrava.

Findando o vídeo, a professora Larissa iniciou sua arguição: com afetuosidade, iniciou com agradecimentos e elogios quanto ao texto, passando para sugestões e críticas construtivas. Foram muitas as contribuições, assim como as da professora Lucimar, que fizeram grande diferença para a minha dissertação. Ficou evidente o quanto a experiência de ambas sobre crianças da Educação Infantil foi o grande ganho do processo. O meu exame de qualificação, em minha avaliação, foi potente e proveitoso.

A escolha da banca de qualificação é uma parte significativa. Ter pessoas estudiosas da área que estamos pesquisando é um desafio prazeroso. O/a mes-trando/a nem sempre tem autonomia de escolha da banca, isso vai depender do/da orientador/a. No meu caso, minha orientadora e eu escolhemos juntas.

Após o exame de qualificação, eu fechei o segundo semestre. Com as contribuições da banca, teria muitas coisas para fazer. Algo cobrado por uma das professoras foi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Sendo uma pesquisa com crianças, além da autorização delas próprias (quando possível), é necessário que a família autorize. Então, em acordo com a minha orientadora, decidimos que seria rico e seguro para a pesquisa submetê-la ao Comitê de Ética.

O Comitê de Ética

É válido destacar que a orientação é que todas as pesquisas que envolvam seres humanos passem por ele, mas nem todos/as os/as pesquisadores/as seguem esse procedimento. Desde o início das aulas, o coordenador do PPGPE orientou sobre a importância de as submetermos. Houve até uma aula para explicar todo o processo.

O comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CEP/CCS/UFES) é um órgão institucional que tem por objetivo proteger o bem-estar dos indivíduos pesquisados. É um comitê interdisciplinar e independente, responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas que envolvam a participação de seres humanos (Comitê de Ética/Ufes).

Organizei toda a documentação e submeti ao Comitê³⁴ no dia 31 de agosto. No dia 13 de setembro, ela retornou para correções. Fiz os ajustes necessários e nova submissão em 25 de setembro, sendo autorizada pelo CEP em 07 de novembro de 2023. Só após essa autorização eu pude iniciar a pesquisa no CMEI com as crianças.

Para quem deseja realizar pesquisa que envolva seres humanos, recomendo que não demore a submeter a solicitação ao CEP, pois a autorização demanda tempo e corre o risco de retornar para correções, como aconteceu no meu caso. Em palestra organizada pelo Centro de Educação PPGE e PPGPE, em setembro de 2022, o professor André da Silva Mello, coordenador adjunto do Comitê de

34 São necessários alguns documentos para abrir o processo de submissão da pesquisa junto ao Comitê de Ética (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo, os quais podem ser acessados pelo link: https://educacao.ufes.br/sites/educacao.ufes.br/files/field/anexo/tutorial_comite_de_etica.pdf. Acesso em: 03 jul. 2024.

Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Ufes, orientou que, aos mestrandos/as que têm como foco esse tipo de pesquisa, é aconselhável, em comum acordo com o/a orientador/a, submetê-la ao CEP já no primeiro período do curso.

O detalhamento sobre os desafios vivenciados no processo de submissão está registrado na minha dissertação (Santos, 2023), mas sintetizo alguns importantes momentos.

Por se tratar de uma intervenção com crianças pequenas, o CEP exige que seja aplicado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) adaptado para a faixa etária dos participantes da pesquisa. Então, elaborei um TALE "lúdico", com escrita em letras maiúsculas para que pudéssemos explicar a pesquisa para as crianças. Como algumas já estão em processo de desenvolvimento da escrita, conseguem fazer o registro do próprio nome, podendo assinar ou registrar o aceite com o carimbo da mão. Para estruturar o TALE, seguimos a indicação dada pela professora Dra. Lucimar Rosa Dias durante a qualificação. O modelo sugerido foi o da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que é indicado para crianças maiores de sete anos e menores de 12. Como as crianças investigadas na pesquisa tinham entre quatro e cinco anos de idade, fizemos uma adaptação de acordo com a faixa etária delas.

Com o intuito de me aproximar das crianças, utilizando o aplicativo de celular *Mirror*, criei um avatar com as minhas características. No TALE, o avatar é usado como imagem que dá os comandos e apresenta a pesquisa para as crianças, deixando o documento mais colorido e lúdico, ajudando, assim, na compreensão dos/das participantes da pesquisa sobre o que ela se trata. Destaco, nas figuras a seguir, exemplos de páginas do TALE.


Figura 1 - TALE “lúdico” (primeira página)




Fonte: Santos (2023, p. 186).

Figura 2 - TALE "lúdico" (segunda página)


POSSO TE CONTO SOBRE O MEU ESTUDO?



A) ESTE ESTUDO TRATA-SE DE UMA PESQUISA MUITO IMPORTANTE SOBRE LITERATURA INFANTIL COM PERSONAGENS NEGRAS. O OBJETIVO É SABER SE VOCÊ GOSTA DE OUVIR ESSAS HISTÓRIAS.



B) SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, VOCÊ SÓ PARTICIPA SE QUISER, PODENDO DESISTIR E/ OU PEDIR PARA PARAR NO



MOMENTO EM QUE DESEJAR.

FIQUE A VONTADE PARA PARTICIPAR OU NÃO.

Fonte: Santos (2023, p. 187).

Os passos seguintes

Vencida a experiência com o CEP, eu já estava no terceiro semestre do curso. O semestre teve início no dia 12 de setembro e término em 13 de dezembro de 2022. Embora esse tenha sido um período mais tranquilo dentro da universidade, para a minha saúde mental nem tanto, já que foi um

momento em que percebi que necessitava de ajuda profissional, pois estava diante de um bloqueio na escrita.

Nesse momento, mais do que nunca, apeguei-me à minha fé, ao afeto da minha família e aos cuidados de profissionais, como psicóloga e psiquiatra. A terapia ajudou muito, mas só ela não seria suficiente para superar a ansiedade; foi necessário entrar com uma medicação. Eu nunca havia tomado remédios para ansiedade em meus 30 e poucos anos de idade. Não vejo problema em tomar remédios para tratar transtornos que adquirimos devido às cobranças sociais e traumas da vida, mas alerta para algo muito sério que é como a universidade pode adoecer as pessoas. O meu alerta para quem estiver chegando é que tenha cuidado com a saúde mental, pois sem ela ficamos estagnados/as. É impossível seguir com a saúde mental comprometida.

Dessa experiência, eu, Débora, também comungo com Rosângela. Medicamentos e acompanhamento psiquiátrico e psicológico marcaram o meu mestrado. No doutorado, foi a fé, em meu caso no culto aos orixás, quem me resgatou de um novo quadro depressivo que se reiniciava. No mesmo ano em que defendi minha tese (2010), fui iniciada no Candomblé pelas mãos de uma pessoa que também foi determinante para que eu enfrentasse os quatro mais intensos anos da minha vida: Dalzira Maria Aparecida Iyagunã.

Conhecer sua trajetória de vida e, posteriormente, conviver mais de perto com ela, produziu uma revolução em mim. No âmbito do ser humano, ela me instigou a seguir e a lutar pela conquista do doutorado, pois sua própria biografia é uma inspiração: mulher, negra, de origem mineira, alfabetizada aos 13 anos por seu pai, ela iniciou seus estudos na educação formal já adulta. Em 1993, recebeu o Deká — que, conforme ela explica, significa “che-gou, alcançou” (Iyagunã, 2013, p. 15), que lhe conferia o cargo de Iyalorixá (Ìyálòriṣà). Assim, no ano seguinte, ela inaugurou o Ile Àṣẹ Ojubgo Ògún.

No ano de 2003, ela iniciou o curso de bacharelado em Relações Inter-nacionais, sendo a segunda dentre seus irmãos e irmãs biológicas a cursar o ensino superior. Em 2011, foi aprovada no processo seletivo para o mestrado em Tecnologia na Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR), concluindo o curso com 72 anos de idade. Sua pesquisa, intitulada *Templo religioso, natureza e os avanços tecnológicos: os saberes do candomblé na contemporaneidade* (Iyagunã, 2013), foi uma das produções mais potentes que já li em minha vida, pois unem a experiência de uma sacerdotisa e mili-

tante histórica do Movimento Negro paranaense com uma pesquisadora sensível e atenta aos problemas enfrentados cotidianamente por uma religião que carrega a história de ancestralidade da população negra brasileira. Destaco, a seguir, algumas palavras finais registradas em sua pesquisa:

Espero que este trabalho seja um primeiro passo, pois é uma pequena contribuição de uma sacerdotisa de religião de matriz africana que não vê barreiras em se inter-relacionar com outros pensamentos, sejam eles acadêmico-científicos ou religiosos, e que, apesar de um trabalho simples foi de grande dedicação e respeito ao tema, não poupando esforços em tratar de questões tão diversas como religião e tecnologia; oralidade e escrita; territorialidade e desterritorialidade; tradição e globalização; meio ambiente e degradação; hierarquia e modernização; urbano e rural, entre outros, incluindo a internet. A internet representa uma ferramenta importantíssima a todos nós. Então, o que temos que aprender é ter um bom relacionamento com ela e fazer dela um benefício próprio e social (Iyagunã, 2013, p. 112).

Mas ela não parou por aí. Em 2017, foi aprovada no processo seletivo para o doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná, concluindo sua tese aos 81 anos, em 2022. Enfrentando diversos obstáculos, incluindo cirurgias para conter o avanço do glaucoma, além dos efeitos da pandemia, sua pesquisa foi, novamente, revolucionária. Intitulada *Professoras negras: gênero, raça, religiões de matriz africana e neopentecostais na educação pública*, Iyagunã (2022) investigou professoras negras que atuam em redes públicas de Educação Básica, adeptas de religiões de matriz africana e religiões neopentecostais.

A pesquisa teve como caminho metodológico a construção de narrativas autorais de 6 (seis) professoras negras, sendo 3 (três) das religiões de matriz africana e 3 (três) de igrejas neopentecostais, atuantes em redes públicas de educação básica. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, tendo como objetivo compreender as formas como elas venciam suas práticas profissionais e a maneira como a religião interfere no seu cotidiano escolar (Iyagunã, 2022, s/p).

Só de ler essas breves informações tenho certeza de que você ficou impressionado/a com ela.³⁵ Imagine então ser, como eu sou, filha espiritual dela?

Ter uma mestra (em todos os sentidos) como alguém que te guia e te orienta no âmbito espiritual, social, acadêmico e afetivo é, sem dúvida, um privilégio para poucos/as. Por isso, ressalto como sua presença em minha vida foi revolucionária, pois também alargou meus horizontes e minha interpretação de mundo. Se a experiência no Neab-UFPR produziu em mim a compreensão de que sozinha eu não conseguiria seguir, todo o universo presente em uma comunidade de terreiro foi responsável por reformular o modo de eu pensar academicamente e de organizar um grupo de estudos e pesquisas. Centralizada no axé, palavra de origem iorubá (àṣẹ) que, numa tradução sintética, representa “força, energia cósmica” (Iyagunã, 2013, p. 17, nota de rodapé 3), as comunidades de terreiro são uma força organizacional que valoriza cada ser humano a partir de sua singularidade e de sua coletividade. Entendendo isso é que percebi que, se quisesse construir um grupo de estudos e pesquisas centrado em valores comunitários, precisaria justamente estimular o realce das singularidades de cada integrante e potencializá-las para o coletivo.

35 São vários os registros em vídeos e textos sobre a minha Iya disponíveis na internet. Compartilho um deles: <https://www.youtube.com/watch?v=tXA8kXo45rI>. Acesso em: 19 abr. 2024.

Capítulo 6

A produção dos dados e finalização da dissertação

“Escrevo da perspectiva de quem
desce a rua da própria memória
senta na calçada da própria história
observa e aguarda a condução.
Alguém que chegue
e me retire
dos mesmos trajetos repetidos
traçados dos mesmos pontos
aos mesmos lugares
da prisão da contemplação do corpo
da cor do corpo
do futuro do corpo da cor
da cor de quem trata
o corpo de quem tem cor
escrevo da perspectiva de quem
enquanto busca avançar
toma nota de que perambula.”
(Luciene Nascimento, 2021, p. 97).

O poema *Nota*, novamente de Luciene Nascimento (2021), instiga-nos, pois, ao lê-lo, somos provocadas e refletimos sobre o nosso caminho até aqui. Voltamos ao início, na tentativa da escrita da proposta de pesquisa, das dificuldades no caminho e de quem cuidou de nós ao longo de todo o processo.

Eu, Rosângela, considero que tive uma rede de apoio, um grupo de estudos que sempre me ouvia. O LitERÊtura acolhe, abraça e estimula. Em todas as apresentações acadêmicas que fiz e que foram fora das aulas do mestrado, sempre havia alguém do LitERÊtura lá, torcendo, aplaudindo e vibrando. A segurança em saber que tinha alguém que me conhecia e estava ali para o que eu precisasse acalmava o meu coração.

Figura 3 - Identidade visual do LitERÊtura



Fonte: <https://literetura.wordpress.com/publicacoes-2/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

O meu maior incentivador e apoio para todos os momentos foi o meu esposo José. Por vezes, viu-me chorar e ficou acordado comigo até que eu pegasse no sono. Fez incessantes leituras do meu texto, ouviu-me fazer a leitura, foi cuidadoso ao fazer críticas sobre a dissertação e não poupava elogios. Assim, o meu corpo “com cor” (meu corpo negro) foi cuidado por várias pessoas “com cor” (pessoas negras) ao longo desse processo de pesquisa. Tenho bem guardado na memória os sorrisos, abraços, cuidado e atenção daqueles e daquelas que me acolheram durante esses dois últimos anos.

Bom, 2023 chegou, e com ele a urgência em finalizar a dissertação e finalmente apresentá-la ao mundo. Mesmo sendo férias escolares, em janeiro, entrei em contato com a professora e diretora da escola em que a minha pesquisa de campo seria realizada para combinar que iniciaria em fevereiro, logo no início do ano letivo das crianças.

Em princípio, tive receio de como seria estar em uma sala, não como professora, mas como pesquisadora: o medo era de “contaminar” a pesquisa com as minhas vivências de professora da Educação Infantil. Eu tinha um foco e não poderia sair dele. Outro desafio seria analisar os dados sem me deixar levar pelas emoções, pois outrora eu fui criança negra também.

O campo de pesquisa sendo um CMEI requer cuidados e atenção, já que são crianças pequenas. Uma pessoa adulta que chega é uma pessoa diferente no espaço delas, e isso pode causar constrangimento, ou seja, elas podem ficar “travadas” e não participar de maneira efetiva da pesquisa. Então, o melhor é chegar aos poucos e ir ganhando a confiança delas.

A pesquisa de campo reacendeu em mim o amor pela dissertação. Após as duas primeiras visitas ao CMEI, eu tive vontade de escrever tudo que eu estava vivenciando com as crianças. Percebi que, mesmo estando ali enquanto pesquisadora, o espaço da Educação Infantil estava me fazendo falta, já que estava licenciada da rede para realizar a pesquisa. Sou professora há dez anos no município da Serra, então retornar ao espaço que eu tanto amo fez bem para a alma.

Os dias em que estive com as crianças no CMEI foram prazerosos, cheios de trocas e de afetos. Os momentos literários, roda de conversa, brincadeiras e vídeo, além de gerar dados, geraram boas memórias do meu processo de pesquisa. Tive boas trocas também com a professora da turma; o pouco tempo que estivemos juntas foi agradável. Sinto que realizei a pesquisa de campo e, também, uma boa formação continuada. Aprendi bastante com as práticas dela.

Figura 4 - Rosângela e as crianças



Fonte: Acervo pessoal.

O que posso trazer como contribuição para quem pensa fazer ou está fazendo pesquisa de campo é que, se possível, procure realizá-la em um local onde você não conheça as pessoas, ao menos parte da equipe. Por orientação da minha orientadora, fiz o estudo de campo em um local que não conhecia ninguém e foi bastante rico para a pesquisa.

Durante a pesquisa, é recomendável que não tenhamos distrações. Tudo que acontece é imprescindível que seja anotado, registrado, para depois analisar os dados que entram no texto da dissertação ou não. Não podemos perder fatos, principalmente em pesquisas com crianças. As crianças são dinâmicas, são, muitas vezes, imprevisíveis e temos que estar atentos/as para todas as manifestações delas.

Quanto à continuidade da escrita da dissertação, fui retomando aos poucos, enquanto ainda era feita a intervenção que durou de 9 de fevereiro a 12 de abril de 2023. Ao finalizar a produção dos dados, iniciei a transcrição dos vídeos e áudios, leituras do diário de bordo e incorporação de todo esse material na dissertação. A escrita foi acontecendo de forma leve, sem que

eu mesma me cobrasse. Mesmo ciente do prazo de defesa estipulado pelo PPGPE, eu respeitei o meu tempo, o meu corpo.

A dissertação é uma escrita com a orientação, análises e reflexão da orientadora, que me acompanhou e incentivou ao longo de todo o processo de produção do texto. Mas ela é, também, solitária, havendo momentos que sou apenas eu, a minha escrita e as minhas análises. Então, eu não conseguiria avançar se o meu corpo e mente não estivessem em sintonia. Assim, fui escrevendo em meu caderno, fazendo os meus rabiscos, e, depois de muitas páginas escritas à mão, comecei a digitar e o texto começou a crescer. A dissertação estava tomando forma e corpo.

Passaram-se os meses de abril e maio, e somente no final do mês de junho consegui enviar a dissertação para a minha orientadora. O texto foi com muitas lacunas e sem conclusão, entretanto foi cheio de mim. Foi o meu pouco construído com muito esforço e determinação.

Diante de todo o caminho percorrido, não identifiquei momentos em que me vi criança negra em sala; o fato de ter sido uma criança negra não afetou as minhas análises, porém me deu subsídio para entender a fala de uma mãe, mulher preta, que se encantou com tantos livros com personagens negras. Essa mãe, ao relatar que na época dela não existia aquele tipo de livro, remete ao meu pensamento quando me deparei pela primeira vez com o acervo do LitERÊtura.

Figura 5 - Mãe olhando livros do acervo do LitERÊtura



Fonte: Acervo pessoal.

Acredito que a professora que me tornei hoje reflete muito o que eu desejava que as minhas professoras fossem para mim. Perceber as crianças e suas infâncias como diferentes é o princípio de uma educação pautada no respeito e no combate às desigualdades raciais e sociais.

Escrever sobre as emoções de crianças é algo desafiador, pois existem ações que são quase impossíveis de serem registradas e/ou narradas, são sentidas. Pesquisa com criança é isso: uma explosão de sentimentos e reações. O período em que estive em campo me inspirou a escrever e me aproximou de quem eu sou.

O medo de “contaminar” a pesquisa se perdeu, ficando a certeza de que tudo aquilo que eu estava vivendo poderia contribuir para que, no futuro, mais crianças tenham a oportunidade de experienciar momentos prazerosos na perspectiva de uma educação livre do racismo e da discriminação.

Ser professora e pesquisadora me permitiu experienciar os dois lados. Um já conhecido por mim, que é o “chão da escola”, e o desconhecido, que era o mestrado. Afirmo que ambos se complementam: o mestrado profissional em Educação precisa das nossas práticas, assim como nós precisamos da teoria e das propostas de intervenção que a universidade pode oferecer para a Educação Básica.

Em princípio, pareceu devaneio elaborar um produto educacional (que deu origem a este livro) que reunisse e abrisse um pouco das nossas vidas pessoais, mas consideramos que, talvez, outras pessoas (especialmente mulheres negras, que vivenciam ou podem vir a vivenciar situações parecidas) que lerem este material saberão que não são as únicas a passar por isso. Apontar caminhos para quem deseja ingressar na pós-graduação também nos pareceu importante. Muitas pessoas querem, mas não sabem por onde começar.

Talvez tenhamos feito parecer que cursar um mestrado e/ou um doutorado seja algo difícil. De fato, para nós, pode ter sido mais difícil, mas isso não significa que seja assim para todas as pessoas. Uma das coisas que aprendemos no processo é que disciplina é tudo. Não temos opção: é dedicação quase que exclusiva. Então, para quem deseja adentrar, eu, Rosângela, recomendo: não tenha medo e não se assuste. Essa é a minha experiência, a sua pode ser diferente.

A universidade que primeiro me acolheu e, depois, assustou, deixou marcas de conhecimento e crescimento. Ao finalizar o mestrado, não sou a mesma que

ingressou em 2021. Toda a bagagem de conhecimento que adquiri naqueles dois anos serão repassados a cada ano letivo, para famílias, estudantes, colegas de trabalho, amigos/as e familiares.

Ao contrário, para mim, Débora, a universidade que me assustou desde o início foi a mesma onde trilhei os primeiros passos da minha carreira no Ensino Superior, iniciando, ali, como professora substituta em dois momentos diferentes: um durante e outro após a conclusão do doutorado. Então, o sentimento foi sempre dúbio e contraditório de amor e ódio. Independentemente disso, foi ela quem me oportunizou momentos ímpares na vida até chegar até a Ufes, onde construí um lar. Mas, quando lembro do momento em que aqui cheguei (outubro de 2016) e de tudo o que passei nos primeiros anos, é surpreendente perceber que hoje consigo unir Ufes e lar em uma mesma frase. A mesma hostilidade e frieza que havia me forjado nos seis anos de pós-graduação me recebeu na minha nova casa. Se não fosse o LitERÊtura, e toda a força da minha orixalidade, eu não teria resistido.

Quanto a mim, Rosângela, as experiências, que não foram boas, não diminuíram a importância que é o mestrado na minha vida profissional e pessoal; ao contrário, elas servirão para que eu tenha um olhar ainda mais sensível para com as crianças em sala de aula. Ser professora é estar em constante formação, reflexão e ação.

Outro fato importante que destaco é a qualidade dos/das docentes da universidade pública: é um orgulho saber que os/as jovens que ingressam em uma universidade pública federal provavelmente, ao iniciarem a pós-graduação, não enfrentarão tantas dificuldades como as que eu tive.

Eu, Rosângela Pereira dos Santos, mulher negra, filha de Geralda Gomes Pereira e Salvador Pereira dos Santos, vivi a universidade pública, fui a primeira da minha família a ter um diploma de curso superior e estou sendo a primeira a cursar o mestrado em uma universidade pública federal. Apesar de tudo que passei para colocar o último ponto final na minha dissertação, orgulho-me em saber que as minhas experiências poderão contribuir para a construção de novas experiências de muitas pessoas.

Chego à reta final deste livro destacando que não é como dizem que “quem quer corre atrás que consegue”. Por vezes, nós, pretos e pretas, precisamos correr muito para conseguir, e o cansaço nos atropela, desanima, atrapalha. Bom mesmo seria se ninguém precisasse correr; bom mesmo seria se fosse leve para

todas as pessoas; bom mesmo seria se todo mundo tivesse acesso a uma boa Educação Básica, à universidade, à alimentação, à saúde, a lazer e à moradia digna. Aí, sim, seria fácil dizer que “quem quer corre atrás”.

Para finalizar este capítulo, optamos por encerrar não apenas com palavras, mas também com imagens. São dois momentos emblemáticos registrados em fotos: a primeira, representando um evento mais recente, do dia 27 de setembro de 2023, retrata parte do grupo LitERÊtura participando da minha defesa de mestrado. Mas, antes de mostrá-la, compartilho palavras da professora Dra. Lucimar Rosa Dias escritas no parecer que avaliou e aprovou a minha pesquisa:

E, por fim, suas considerações finais com chave de ouro: ‘Eu nem sabia que era negra até te conhecer’ [Título da dissertação] é de uma lindeza indescritível. Se o seu trabalho não fosse elogiado e ressaltada a qualidade dele, você poderia ser feliz do mesmo jeito, porque, saber que contribuiu para que uma menina negra de quatro ou cinco anos diga isso, é o melhor título de pesquisa que Rosângela Pereira dos Santos poderia ter. Nós vamos falar seu nome, vamos citar seu nome. “A menina aí do canto”, “a de trancinhas”, daqui a um pouquinho será a mestra Rosangela Pereira do Santos. É bom repetir seu nome e dizê-lo completo, pois Lélia Gonzalez dizia, preto/a tem de ter nome e sobrenome, senão os brancos arrumam um apelido. Parabéns, Rosângela, uma alegria fazer parte deste processo! (Dias, 2023, s/p).

São palavras que realçam a importância daquele momento lindo, expressão de um processo compartilhado com pessoas, como desta foto:

Figura 6 - Defesa de mestrado de Rosângela Pereira dos Santos, em 27/09/2023



Fonte: Acervo pessoal.

A outra imagem é de uma sexta-feira, 13 de abril de 2015, dia da minha (Débora) defesa de doutorado:

Figura 7 - Defesa de doutorado de Débora
Cristina de Araujo, em 13/03/2015



Fonte: Leticia Pereira.

Considerando todo o contexto do racismo presente no Sul do país, uma imagem como essa, composta por maioria de pessoas negras que decidiram prestigiar a defesa de uma mulher negra, é, sem dúvida, digna de registro. Foi inspirada especialmente nessa foto que decidi, como professora e orientadora que me tornei nos anos seguintes, sempre andar assim, em bando, e com os meus e minhas! Por isso, testemunhar, tão de perto, Rosângela concluindo seu curso e conquistando o título de mestra em Educação, mostra que estamos seguindo no caminho certo. Afinal...

“Se quer ir rápido, vá sozinho/a. Se quer ir longe, vá em grupo.”³⁶

36 Provérbio africano. Para nós, é um pesar não conseguirmos identificar de qual povo ou grupo étnico originam-se grande parte dos provérbios africanos. Trata-se de uma espécie de apagamento histórico da riqueza cultural das populações africanas.

Capítulo 7

Colocando a roda para girar: contribuições das/dos que vieram antes de nós para as/os que virão depois

Para que este trabalho chegasse ao fim, muitas leituras e análises foram necessárias. Por opção nossa, construímos este livro e a dissertação que o deu origem com vozes e contribuições teóricas majoritariamente de pessoas negras, pois acreditamos que os nossos e as nossas produzem conhecimento, fazem pesquisas e são referenciais teóricos significativos.

Com a intenção de compartilhar e, também, de reconhecer a importância, compartilhamos, neste breve capítulo, algumas dessas leituras. Reunimos textos teóricos e de literatura infantil, mas que, para além de serem indicativos de referência, são produções que gostamos e que nos inspiraram.

Quadro 1- Literatura infantil (continua)

TÍTULO	AUTOR/A	ANO
A mãe que voava	Caroline Carvalho	2018
A menina e o tambor	Sonia Junqueira	2019
A princesa e a ervilha	Rachel Isadora	2016
Adamastor, o pangaré	Mariana Massarani	2007
Amor de cabelo	Matthew A. Cherry	2020
Amoras	Emicida	2018
As panquecas de Mama Panya	Mary e Rich Chamberlin	2005
As tranças de Bintou	Sylviane Anna Diouf	2004
Azizi: o presente precioso.	Lucimar Rosa Dias	2019
Betina	Nilma Lino Gomes	2009
Bino	Marcial Àvila / Rosa Margarida de Carvalho Rocha	2015
Bruna e a galinha D'Angola	Gercilga de Almeida	2009
Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!	Lucimar Rosa Dias	2012
Cadê você Jamela?	Niki Daly	2006
Caderno de rimas do João	Lázaro Ramos	2010
Caderno sem rimas da Maria	Lázaro Ramos	2018
Chama o Sol, Matias!	Sonia Rosa	2022
Cheirinho de neném	Patrícia Santana	2011
Chuva de manga	James Rumford	2005
Com qual penteado eu vou?	Kiusam de Oliveira	2021
Entremeio sem babado	Patrícia Santana	2021

Quadro 1- Literatura infantil (continua)

Escola de chuva	James Rumford	2012
Feliz aniversário, Jamela!	Niki Daly	2009
Koumba e o tambor Diambê	Madu Costa	2009
Makeba vai para a escola	Ana Fátima	2020
Meia Curta	Andreza Félix	2020
Nikké	Édimo de Almeida Pereira	2011
O almoço	Sonia Rosa	2020
O Black Power de Akim	Kiusam de Oliveira	2020
O menino coração de tambor	Nilma Lino Gomes	2021
O menino Nito	Sonia Rosa	2006
O meu avô é um Tata	Janaína de Figueiredo	2018
O mundo no Black Power de Tayó	Kiusam de Oliveira	2017
O pequeno príncipe preto	Rodrigo França	2020
O pequeno Príncipe preto para pequenos	Rodrigo França	2021
O que tem na panela, Jamela?	Niki Daly	2006
O vestido de Jamela	Niki Daly	2012
Obax	André Neves	2010
Olelê: uma cantiga da África	Fábio Simões	2015
Qm̃q-Oba: histórias de princesas	Kiusam de oliveira	2009
Os tesouros de Monifa	Sonia Rosa	2009
Princesa Arabela vira irmã mais velha	Mylo Freeman	2020
Princesa Arabela, mimada que só ela!	Mylo Freeman	2008

Quadro 1- Literatura infantil (conclusão)

Princesas Negras	Ariane Celestino Meireles / Edileusa Penha de Souza	2019
Sábado	Oge Mora	2021
Sulwe	Lupita Nyong’o	2019
Tanto, tanto	Trish Cooke	2019
Tayó em quadrinhos	Kiusam de Oliveira	2021
Um dia na aldeia	Daniel Munduruku	2012

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 - Textos teóricos e literatura endereçada ao público adulto (continua)

TÍTULO	AUTOR/A	ANO
“Aqui tem racismo sim”: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras na escola	Caroline F. Jango	2017
A identidade cultural na pós-modernidade	Stuart Hall	2020
A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens	Eliane Debus	2017
Dialética radical do Brasil negro	Clóvis Moura	2020
Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil	Eliane Cavalleiro	2020
LitERÊtura: reflexões teórico-metodológicas sobre literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira	Débora Cristina de Araujo / Jakslaine Silva da Penha (Orgs.)	2022
Na minha pele	Lázaro Ramos	2017

Quadro 2 - Textos teóricos e literatura
endereçada ao público adulto (conclusão)

O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado	Abdias Nascimento	2016
O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação	Nilma Lino Gomes	2017
O negro: de bom escravo a mau cidadão?	Clóvis Moura	2021
Personagens negras na literatura infantil: o que dizem as crianças e professoras	Débora Oyayomi Araujo	2020
Por um feminismo afro-latino-americano	Lélia Gonzalez / Flavia Rios / Márcia Lima	2020
Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil	Maria Aparecida Silva Bento / Iray Carone	2014
Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola	Eliane Cavalleiro	2001
Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra	Kabengele Munanga	2020
Significado do protesto do negro	Florestan Fernandes	2017
Sociologia do negro brasileiro	Clóvis Moura	2019
Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social	Neusa Santos Souza	2021
Tudo nela é de se amar	Luciene Nascimento	2021
Vozes negras na história da educação: racismo, educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002)	Gustavo Henrique Araújo Forde	2018

Fonte: Elaboração própria.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Ações afirmativas enfrentam desafios para se consolidar na pós-graduação. **Pesquisa FAPESP**. v. 313, p. 41-44, mar. 2022. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2022/03/040-044_acoes-afirmativas_313.pdf. Acesso em: 05 jul. 2023.
- ANGELOU, Maya. **Poesia completa**. Bauru: Astra Cultural, 2020.
- ARAUJO, Débora Cristina de. **Literatura infantojuvenil e política educacional: estratégias de racialização no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/38010>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- ARAUJO, Débora Oyayomi. Meninas e meninos negros nos livros infantis contemporâneos: três tendências positivas. *In*: MORO, Catarina; SOUZA, Gisele de (Orgs.). **Educação Infantil: construção de sentidos e formação**. 1. ed. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2018. p. 219-242.
- ARAUJO, Débora Cristina de. LitERÊtura: formação em literatura infantil e juvenil com temática da cultura africana e afro-brasileira. *In*: ARAUJO, Débora Cristina de.; PENHA, Jakslaine Silva da (Orgs.). **LitERÊtura: Reflexões teórico-metodológicas sobre literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira**. 1. ed. Vitória: LitERÊtura, 2022. p. 18-25. Disponível em: <https://literetura.files.wordpress.com/2022/04/e-book-literetura-.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

- ARAUJO, Débora Oyayomi. Quando Viola Davis ensinou uma importante lição. *In: GHIGGI, Gioconda; MACHADO, Nathalia Savione; NASCIMENTO, Sérgio Luis do; LIMA, Silvia Maria Amorim; HREISEMNOU, Tânia Mara Pacífico (Orgs.). **Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas**. Curitiba: UFPR, 2023. p. 53-56.*
- BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994. *Afro-Ásia*, n. 23, p. 343-361, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990/13591>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58.*
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2005.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo, SP: Cortez, 2017.
- DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://dlc.library.columbia.edu/catalog/ldpd:504817/bytestreams/content/content?filename=Lucimar+Rosa+Dias.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- DIAS, Lucimar Rosa. **Banca de defesa pública de dissertação com participação de examinadora por web conferência**. Mensagem recebida por deboraaraujo.ufes@gmail.com em 18 set. 2023.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu** (6-7), p.67-82, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. *In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 25-44.*

- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipola. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- IYAGUNÃ, Dalzira Maria Aparecida. **Templo religioso, natureza e os avanços tecnológicos**: os saberes do candomblé na contemporaneidade. 2013. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, 2013. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/711/1/CT_PPG-TE_M_Iyagun%20a3%2c%20Dalzira%20Maria%20Aparecida_2013.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.
- IYAGUNÃ, Dalzira Maria Aparecida. **Professoras negras**: gênero, raça, religiões de matriz africana e neopentecostais na educação pública. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/86926/R%20-%20T%20-%20DALZIRA%20MARIA%20APARECIDA%20IYAGUNA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- JANGO, Caroline F. **“Aqui tem racismo”**: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras na escola. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2017.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério das Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- NASCIMENTO, Luciene. **Tudo nela é de se amar**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: resistências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47605/R%20-%20T%20-%20MEGG%20RAYARA%20GOMES%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 out. 2022.
- PEREIRA, Sara da Silva. **A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças**: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/65927/R%20-%20D%20-%20SARA%20DA%20SILVA%20PEREIRA.pdf>. Acesso em: 05 de jan. 2022.
- PPGPE. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Estado de Espírito Santo. **Apresentação**. Ufes, 2023. Disponível em: <https://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGMPE>. Acesso em: 01 ago. 2023.

- ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. *In*: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos e conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2011. p.11-46.
- SANTOS, Rosângela Pereira dos; ARAUJO, Débora Cristina de. **Relatos de uma pesquisadora negra**. Vitória: Ed. das Autoras, 2023. Disponível em: https://educacao.ufes.br/sites/educacao.ufes.br/files/field/anexo/produto_educacional_-_rosangela_com_ficha.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.
- SANTOS, Rosenverck Estrela. O movimento negro e a luta pelas políticas de Promoção de Igualdade Racial no Brasil. **Revista de estudos africanos e afro-brasileiros**, v. 1, n. 1, p. 139-156, 2015. Disponível em: <https://periodicoselétronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/8631/5285>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- SARMENTO, Manuel Jacinto, GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (org.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes. 2008.
- SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Nas encruzilhadas**: dominação branca, racismo e antirracismo. 2023. Tese (Professor Titular). Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, 2023. Disponível em: http://www.cppd.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2024/02/paulo_vinicius_baptista_da_silva.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.
- SOTERO, Edilza Correia. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. *In*: MARCONDES, Mariana Mazzini *et al.* (Orgs.). **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. p. 35-54.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).
- UFES. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Estado do Espírito Santo. **Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos**, Ufes, 2023. Disponível em: <https://ccs.ufes.br/comite-de-etica-em-pesquisa-com-seres-humanos>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Este livro é uma conversa franca e aberta sobre os principais desafios vivenciados na pós-graduação, proferidos por duas mulheres negras que, mesmo em momentos diferentes da vida (uma na condição de orientanda e outra de orientadora), comungam trajetórias, anseios e compromissos sociais.

O conteúdo aqui apresentado vai além de uma produção técnica, responsável por reunir informações oriundas da dissertação de mestrado e com proposições teórico-metodológicas. Isso também se faz presente no texto, mas sua verdadeira natureza é se tratar de um diário de bordo compartilhado que mescla o estilo de cada uma de nós: Rosângela, que compreende o quanto a produção coletiva a forjou como pesquisadora; Débora, que só sobreviveu à pós-graduação por ter encontrado espaço de compartilhamento no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (Neab-UFPR).

As autoras



encontrografia

encontrografia.com
www.facebook.com/Encontrografia-Editora
www.instagram.com/encontrografiaeditora
www.twitter.com/encontrografia